Canoas da Bahia

Uma oferta ergológica

João de Pina-Cabral

Fotos de Mónica Chan

2006-2012

ICS Imprensa de Ciências Sociais

O canoeiro bota rede, bota rede no mar,
O canoeiro bota rede no mar.

Cerca o peixe, bate o remo,
Puxa a corda, colhe a rede.
O canoeiro puxa a rede do mar.

Vai ter presente pra Chiquito,
Tem presente pra Iaiá.
Canoeiro puxa a rede do mar.

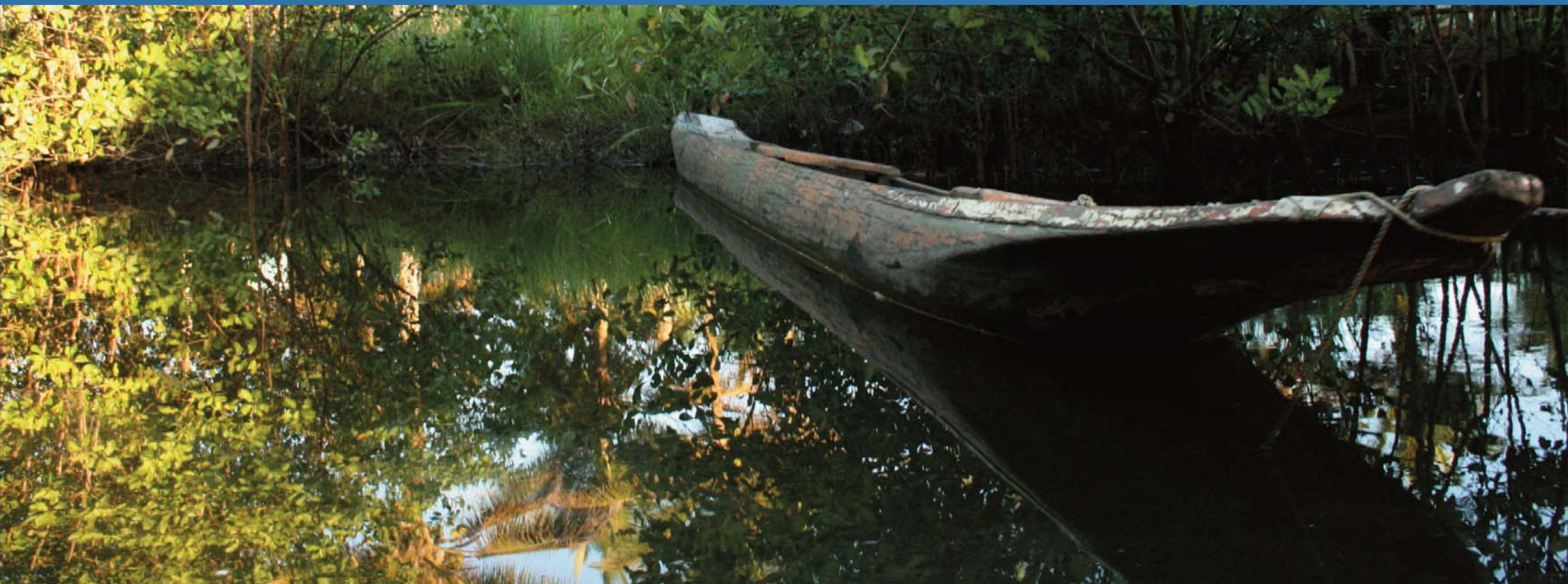
Louvado seja Deus, ó meu pai.

Dorival Caymmi

Este livro trata das canoas monóxilas feitas de uma madeira amarela – leve mas resistente – que rolam aos milhares pelas águas lisas nos meandros encantados dos bosques de mangue do Recôncavo e do Baixo Sul da Bahia.

▸1. Uma floresta sobre o mar

Começamos com a apresentação do manguesal – essa floresta que cresce sobre águas marinhas e onde as gentes vão buscar o sustento que lhes dá a liberdade navegando em canoas sobre águas onde o céu constantemente se reflecte.



▸2. Baiacu, peixe e aldeia

Aqui se apresenta Baiacu, a pequena povoação de pescadores escondida na costa interior da Ilha de Itaparica onde Mónica e eu fomos alertados
pela primeira vez para todo esse mundo anfíbio do manguesal.

Encontramos as canoas.

▸3. A lição do Seu Otávio

Neste capítulo aprendemos o que é uma canoa seguindo a lição que nos é dada pelo experiente carpinteiro, agora pescador mas antes homem de todos os ofícios, o Seu Otávio. Somos apresentados às velas, às técnicas de pesca, aos peixes que cada vez mais rareiam.

▸4. Interlúdio poético

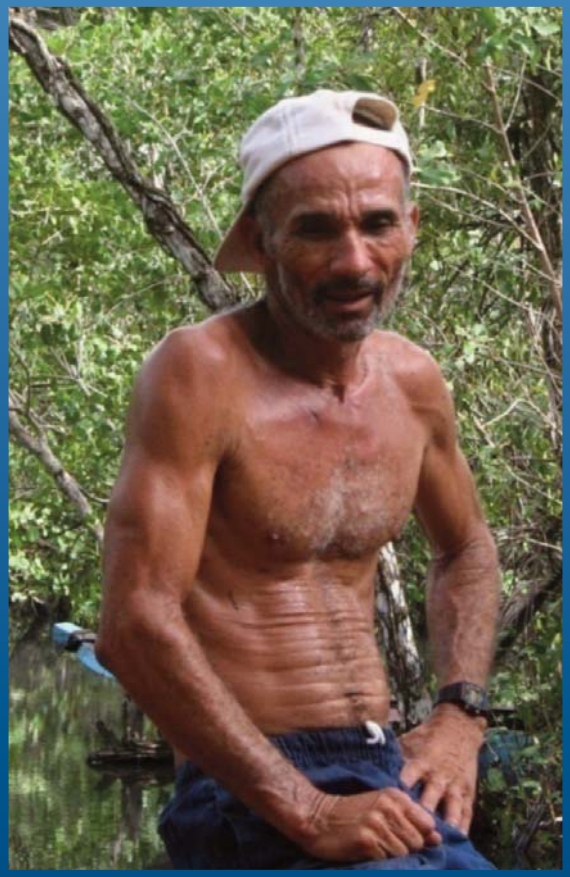
Nas ondas verdes do mar, meu bem
Ele se foi afogar.
Fez sua cama de noivo
No colo de Iemanjá
É doce morrer no mar,
Nas ondas verdes do mar.

▸5. Cajaíba – da árvore à canoa

Aqui se discute como a árvore se transforma em *xaboque* nas colinas do cerrado e mais tarde se torna em canoa na linda aldeia de Cajaíba, no interior do manguesal. Percebemos que o vinhático, a madeira ideal, se está a esgotar e que toda uma forma de viver se encontra ameaçada.

▸6. Seu Romão, o torneador

Nas mãos de Romão, o rude xaboque vira uma esbelta canoa através de uma técnica com raízes históricas profundas.
O trabalho do torneador revela-se, afinal, uma obra de arte.



▸ 7. A vida da canoa – Seu Chiquito

As canoas saem do estaleiro pela mão de um negociante, homem silencioso e criador. Depois fazem sua vida: são vendidas, reparadas e alteradas; recebem nomes, assumem personalidade.

▸ 8. Salinas - uma alternativa moderna?

Mas existirá mesmo uma alternativa realista para o vinhático? Seu António, em Salinas da Margarida, acha que o futuro são as suas canoas de fibra de vidro.

▸9. As canoas como média

Aqui se fala das canoas
como extensões da mão
do homem –
instrumentos de
mediação
com o mundo.

▸10. Um ensaio de ergologia

Pósfacio metodológico em que se pretende esclarecer a natureza do exercício ergológico como um encadeamento de triangulações.

Agradecimentos

Mónica Chan – praticamente co-autora. Enquanto eu falava com os canoeiros, ela tirava fotografias do meio ambiente, das pessoas, do que víamos, do que fazíamos. Foi a beleza das suas fotos e o seu fascínio pela viagem que me levaram a pensar neste exercício.

Cecilia McCallum e Edilson Teixeira – anfitriões, amigos da primeira hora, entusiastas.

Araken e Euzedir Vaz Galvão – grandes guias de bahianidade.

Luisa Elvira Bellaunde – comentadora atenta e inventiva.

Pedro Agostinho da Silva – encorajador distante.

Carlos Caroso – grandes sugestões.

Minnie Freudenthal e Manuel Ribeiro do Rosário – companheiros que partilharam o nosso olhar.

Vanda Aparecida da Silva – parceira de veredas.

Ruth Rosengarten – pela ajuda com a versão inglesa.

... e sobretudo os canoeiros que aí se apresentam, claro.

▶ Voltar ao início

1. Uma floresta sobre o mar

Onde as gentes vão buscar o sustento que lhes dá a liberdade, navegando em canoas sobre águas onde o céu constantemente se reflecte.

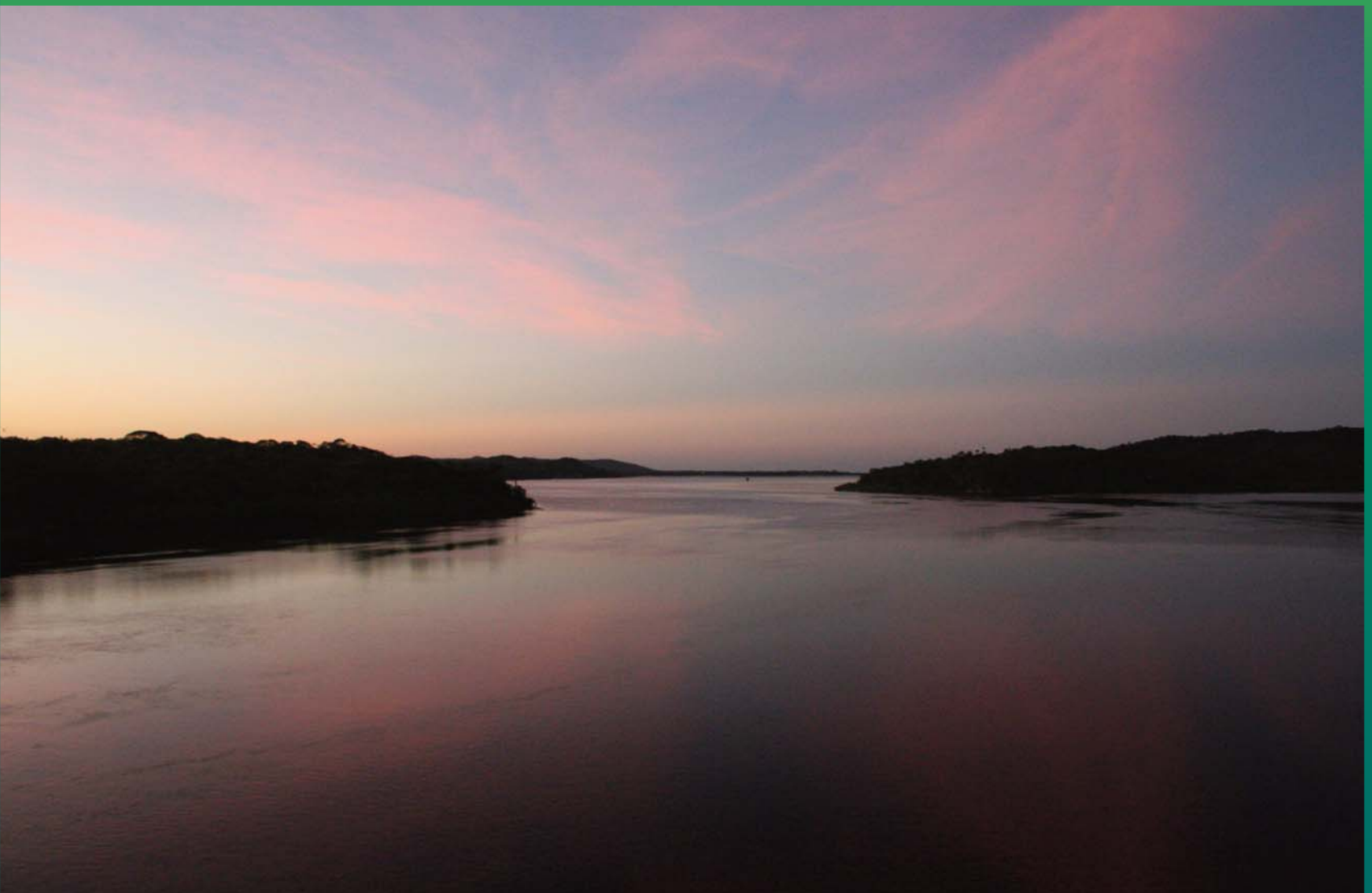
Fonte: Google Maps

Baía de Todos os Santos e Ilha de Itaparica

A Ilha de Itaparica fecha a Baía de Todos os Santos e cria uma sombra de ambiguidade entre o mar e a terra por onde se alarga a floresta de mangue.

Baía de Todos os Santos
Kiri Murê assim chamavam os índios Tupinambás.
Santiago do Iguape
Serra do São Francisco
Sl.t do Paraguaçu
Saubara
Cabuçu
Itapema
Ilha grande
Ilha pequena
Ilha dos pobres
Barra do paraguaçu
Ilha do medo
Salinas da Margarida
Itaparica
Amoreiras
São João
Manguinhos
Porto dos Santos
Bom Despacho
Ilha dos Canas
Ilha Caraipitubá
Baiaci
Jaburi
Mar Grande
Penha
B. do Gil
Coroa
B. do Poto
Conceição
Barra Grande
Tairú
Jiribatuba
Araçuba
Beringe
Caixa Pregos
Pta Garcia
Rio Jaguaribe
Jaguaribe
Cacões
Pirajuia
Jacuruma
Serra dos Covoados
Encarnação
Guai
São Roque do Paraguaçu
Maragojipe
Nazaré
Barreiras de Sto Antonio
Camaçari
Coqueiros
Najé
Madre de Deus
Ilha de Maré
Baía de Aratú
Aratú
Cabeto
Paripe
Piripiri
São Salvador
Ribeira
Itapagipe
Bonfim
Pituba
Amaralina
Ondina
Farol da Barra
Candeias
Maturipe
Loreto
Paramano
Ilha do Frade
Tobin
Ilha do Amor Jesus
Ilha madre de Deus
Ilha Burbara
Ilha Cajaiba
Ilha grande
Ilha pequena
Ilha dos Frentes
Sl.t do Conde
Sto Amaro
Acupe
Serra do Iguape
Rio Paraguaçu
Mar de Brasil
Hugo Rodrigo
Participação
Aislane Nobre
01-2006

O canal que passa entre “a Ilha” e a costa firme liga o manguesal do baixo Rio Paraguaçu, que vem lá de cima do Mar de Iguape, no interior do Recôncavo, ao manguesal litorâneo que prolonga a Baía para sul.



Baiacu, que vamos conhecer de seguida, fica para lá do promontório à direita.

Na vizinha Maragojipinho, os famosos fornos de cerâmica – onde se faz boa parte da bonecada turística que se vende nos aeroportos do Brasil – são aquecidos com madeira tirada ao manguesal transportada de canoa pelos tortuosos canais.

Aqui vemos uma canoa acabada de chegar, em frente à casa do forno, com a lenha arrumadinha à espera de ser descarregada quando a maré subir mais um pouco e facilitar a tarefa.

Maragojipinho 2005

As casas de sopapo – até os muros das casas são feitos com a lama fina do manguesal.

Mais para sul, o mar aberto é barrado pelas Ilhas de Tinharé (Morro de São Paulo) e Boipeba. Para o interior, fica um largo espelho de água salobra, rodeado a toda a volta por manguesal denso – o Canal de Tinharé. No meio do canal: Cairú.

Cairú

Convento de S. Francisco

Em tempos, o convento de São Francisco de Cairú era a sede de toda esta ampla rede de vias aquáticas interiores.

À noite, a partir de uma janela do convento, era possível mandar mensagens luminosas às igrejas de todas as povoações em torno ao Canal de Tinharé, alertando contra perigos iminentes.

Cairú moderno

A região foi um intenso campo de batalha entre índios e brasileiros no século XVII; a aldeia ribeirinha de Tapuias, perto de Cairú, é memória ainda dessas disputas sangrentas (o seu nome sugere as guerras entre Tupis, habitantes do meio aquático, e Aimorés, gente da terra vinda do cerrado). A escravidão nesta zona foi sobretudo indígena.

São águas quentes e calmas sobre as quais cresce a floresta.
Em Graciosa, ao pôr-do-sol, os barcos descansam da nova faina: passear turistas.

Mais a sul, a seguir ao complexo hídrico de Camamu e Maraú, o manguesal da costa vai dando lugar a praias abertas e turísticas. Tudo acaba aí por Itacaré, perto já de Ilhéus, onde a foz do Rio das Contas, transportando as águas vindas das encostas da Chapada Diamantina (asseguram-me que já se acabaram os diamantes), ainda sustém um manguesal já menos denso, no interior do qual se deslocam pelo dia fora as populações litorâneas nas suas, mais exíguas, canoas.

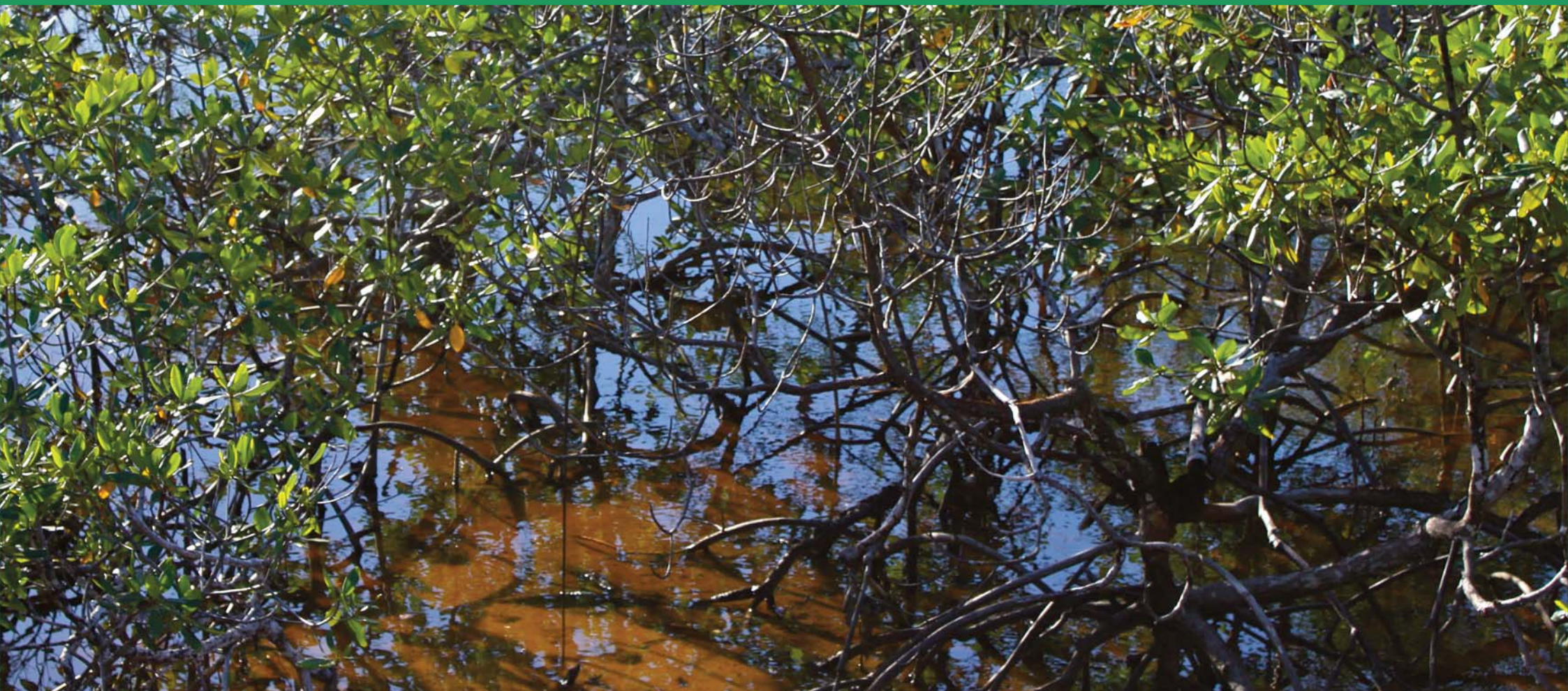
Fonte: Google Maps

Área de manguesal do Recôncavo e Baixo Sul da Bahia

Na Bahia estima-se que a área de manguesal seja de cerca de 1.000 km^2, distribuídos ao longo de 1.181km de costa, onde os maiores bosques estão entre os municípios de Valença e Maraú no baixo sul da Bahia. Na Baía de Todos os Santos, o estuário do Rio Paraguaçu forma importantes bosques de mangue.

O manguesal é um ecossistema tropical de regiões quentes com pluviometria acima de 1200mm/ano. São águas salobras e abrigadas, com substrato lodoso muito rico em matéria orgânica, baixo teor de oxigénio e inundado frequentemente pelas marés.

Os manguesais são verdadeiros berçários: local de protecção, alimentação e reprodução para dois terços das espécies de peixes economicamente explorados. Esse ecossistema é responsável pelo equilíbrio da cadeia nutricional e manutenção de recursos naturais das zonas costeiras.



A grande quantidade de matéria orgânica produzida no manguesal constitui um rico alimento energético para diversos componentes da fauna estuarina e marinha, uma vez que durante o processo de decomposição são colonizados por microrganismos formando a base para diversas cadeias alimentares.

A canoa monóxila (*piroga*, do tupi) é o veículo que une e ata não só as povoações costeiras como também a economia das cidades com a economia das aldeias.

As mulheres circulam no interior da floresta de mangue recolhendo aí parte do alimento diário da família.

Vendendo caranguejo em Valença

Todo este ecosistema costeiro é riquíssimo em pescarias e todo o género de agricultura – dendê, coco, piaçaba, caju, manga, cacau, jaca, etc. No próprio manguesal se criam ostras e vários tipos de peixe em viveiros – sobretudo tilápia, um animalzinho vindo dos grandes lagos de África que se dá aqui muito bem.

Viveiros de tilápia, Torrinha

O manguesal é surpreendentemente rico mas, para quem quer sair da água, bastante inóspito. As "moriçocas" – um mosquito impiedoso – atacam os que se arriscam a sair da canoa na maré baixa. Por isso, afora as zonas mais altas onde estão as povoações, o melhor mesmo é não ficar muito longe da canoa.

Em Baiacu, as pessoas identificam três tipos de mangue (a árvore que forma o manguesal):

- "vermelho" *Rhizophora mangle*
- "branco" *Laguncularia racemosa*
- "de botão" *Conocarpus erectus*

Este aqui, o "branco", de folha mais larga e tenra, é o que fica mais próximo da água aberta; o "de botão" (assim chamado por causa de umas sementes muito duras na casca) cresce mais perto da terra. É possível que haja mais tipos que os pescadores não sabem identificar.

Este é o “vermelho”, que constitui o corpo da floresta e que chega a ter uns dez metros de altura sobre a água.

Dele se retira uma laca vermelha que era usada para reforçar as redes, quando estas eram de algodão.

Uma criação de ostras em Torrinha no Canal de Tinharé

Criação de ostras no pontão de Torrinha

Sem as canoas, o manguesal não teria vida humana e, por isso, os próximos capítulos são dedicados a entender o que é a canoa de vinhático, essa maravilhosa invenção.

Quantas mais árvores de vinhático haverá nessas florestas brasileiras para oferecer os seus interiores suaves e os seus exteriores quase indestrutíveis às mãos dos homens?

Não sou só eu quem se pergunta: os homens do manguesal sabem muito bem que o Ibama não deixa que se corte mais vinhático e sabem porquê, até por isso as suas mãos se passeiam com mais doçura sobre esses gigantes esbeltos, transformados em flechas.

Voltar ao início

2. Baiacu, peixe e aldeia

Baiacu é um peixe misterioso que fascina os japoneses.

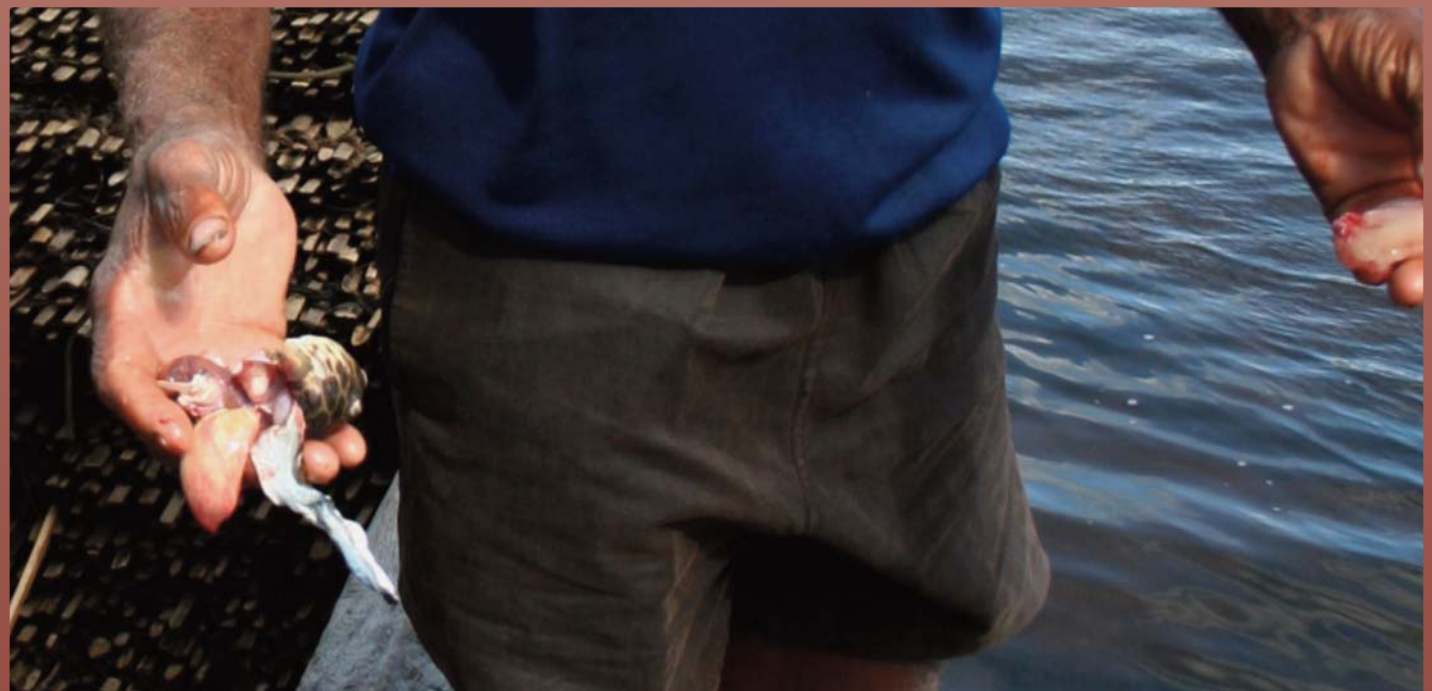
Lá, o baiacu é uma rara iguaria, que atinge preços astronómicos e se come em restaurantes especiais; locais cujo fascínio resulta tanto do sabor do peixe como do perigo de comê-lo. Aí os clientes dão mais uma volta à roda da fortuna, nesse delírio tão verdadeiramente oriental em que os prazeres da vida desafiam o descanso da morte.

E, de facto, quem vir o olhar decidido do bichinho, a volúpia da sua boca e os dentinhos marotos, não pode ficar com dúvidas de que algo de estranho por ali passa.

Nada disso na Bahia. Aí, tudo é mais calmo. "Não há perigo nenhum," assegura-nos o pescador de Torrinhas, basta saber cortá-lo.

Claro que sim; basta ter a prática que ele tem; porque quem não tiver, com um pequeno erro de faca, pode bem acabar morto logo depois de digerir a moqueca. Isso mesmo exemplifica João Ubaldo Ribeiro no seu *Viva o Povo Brasileiro* no qual descreve tão magistralmente estas paragens.

E, de facto, com um golpe só, o pescador retira o pequeno saco escuro onde se esconde o mal. Aí está ele, anichado entre o polegar e o anelar da sua mão direita, ao lado do não menos venenoso fígado, junto com a cabeça quase humana do animal. Vai tudo pelo ar num gesto seguro, acabando no meio da corrente. Para nós, fica o pequeno mas saboroso filete que, assegura ele, não tem qualquer perigo. Mas nós, que também somos um pouco japoneses, contemplamos o objecto comestível com alguma trepidação gulosa. Aqui perto, ainda no ano passado, morreu uma família inteira, depois de comer uma moqueca.



Ora foi nesse mesmo romance de João Ubaldo Ribeiro que primeiro ouvi falar de Baiacu, uma aldeia de pescadores escondida do lado oeste da Ilha de Itaparica, virada para o manguesal e a costa, mesmo em frente a Salinas da Margarida. Aqui, a grandeza eloquente da baía sobre a qual se debruça a velha capital, Salvador, dá lugar à quietude quase oriental das águas fechadas.

A antiga aldeia de Baiacu está situada num ponto alto, a meio da Ilha de Itaparica, ligando-se com o mar por vias que hoje estão assoreadas.
Aí se passam algumas das cenas mais misteriosas do romance de João Ubaldo Ribeiro. Foi Araken Vaz Galvão – o sábio amigo de Valença – que nos alertou para o facto da igreja antiga de Baiacu ter sobrevivido, estranhamente protegida contra o tempo.

Uma arquitectura vegetal.

A igreja e o cemitério – apesar da aparência inicial – não estão abandonados!

Arruinados, sim; provavelmente incendiados – não sei sequer quando ou por quem. Mas vivos, porque ocupados pelas almas que encantam os que lá vão rezar por elas.

A igreja foi preservada, as suas paredes encaixilhadas pelas raízes da árvore sagrada – a gameleira gigante.

A parasita é, literalmente, a razão para a sobrevivência das paredes que, feitas de tijolo e argamassa, há muito tempo se teriam dissolvido, derretidas pelas chuvas tropicais, não fosse a força vegetal que as suporta.

O Bom Jesus e uma Virgem quebrada abençoam um nicho por detrás da gameleira sagrada.

O santo padroeiro – o Senhor da Vera Cruz – foi levado para a nova igreja, junto à costa; mas o povo não esqueceu este local. Todos os dias vai lá alguém varrer o chão e as marcas do culto de candomblé estão bem presentes, dando sinais não só da persistência da crença popular nesses mistérios trazidos pelos escravos, como da não menos popular sanha iconoclasta dos "crentes" (evangélicos pentescostais) que hoje abundam na Bahia. Estes dedicam-se sistematicamente a partir as santas estátuas que encontram. Também o padre, sabiamente, deixa lá marcas, no altar improvisado onde diz a missa algumas vezes por ano, por forma a não deixar o local só nas mãos das forças endemoinhadas.

Omolu dançando num terreiro em Ilhéus

“OMOLU” Senhor da terra.
Omolu tem um lado um pouco
assustador, por estar associado
a doenças como a lepra ou sida.

Grafitti na Igreja de Baiacu

Omolu, Obaluaê, São Roque – vários aspectos do mesmo princípio.

Igreja de São Francisco, Salvador

Terreiro próximo de Graciosa

A igreja está num promontório por sobre uma paisagem lacustre onde o dengue prolifera.

Por isso, até, faz todo o sentido a população se ter deslocado para a costa, num local onde uma reentrância deixa a água salina entrar, limpando a atmosfera a cada maré.

Ao lado, um galo de luta apanha o fresco da tarde – a coragem e ferocidade do bicho elucidam a forma como o dono gostaria de ser.

Quando a água recede, fica disponível o lamaçal de piso duro, que funciona como suporte para todo o género de actividades domésticas, piscatórias, artesanais, comerciais. A lama, vista de longe, parece insegura e insalubre. Na verdade, para quem a conhece, é uma superfície admiravelmente saudável (porque desinfectada pelo sal) e sólida, apesar de viva.

As mulheres trabalham nela o peixe e sobre ela apanham o caranguejo com que fazem algum dinheirito, sempre muito pouco, mas sobretudo com que vão dando de comer aos seus filhos, quando a pesca dos homens não rende. A terra é famosa pelas suas moquecas!

Sobre a lama se secam, estendem e reparam as redes, que são o sustento dos pescadores – mesmo quando, tantas vezes, estas não lhes pertencem...

Os efeitos luminosos do “tendá” sobre a lama, fascinaram Mónica, quando lá fomos juntos.

Sobre a lama se secam peixes, quando a safra é demasiado grande para o consumo ou para venda imediata. Aí estão eles, espetadinhos em pequenas varas de bambu, secando sobre os talos grandes e resistentes das folhas de piassaba.

No mercado de Valença.

Sobre a lama também, encontrámos Seu Otávio restaurando, refazendo, embelezando e aperfeiçoando esses meios de transporte sem os quais todo este mundo seria inacessível: as canoas de vinhático.

Aí o vemos, trabalhando sobre o seu “gastalho”, moldando com certeiros golpes de enxó uma “caverna” de madeira de louro com a qual segurará o novo fundo da canoa.

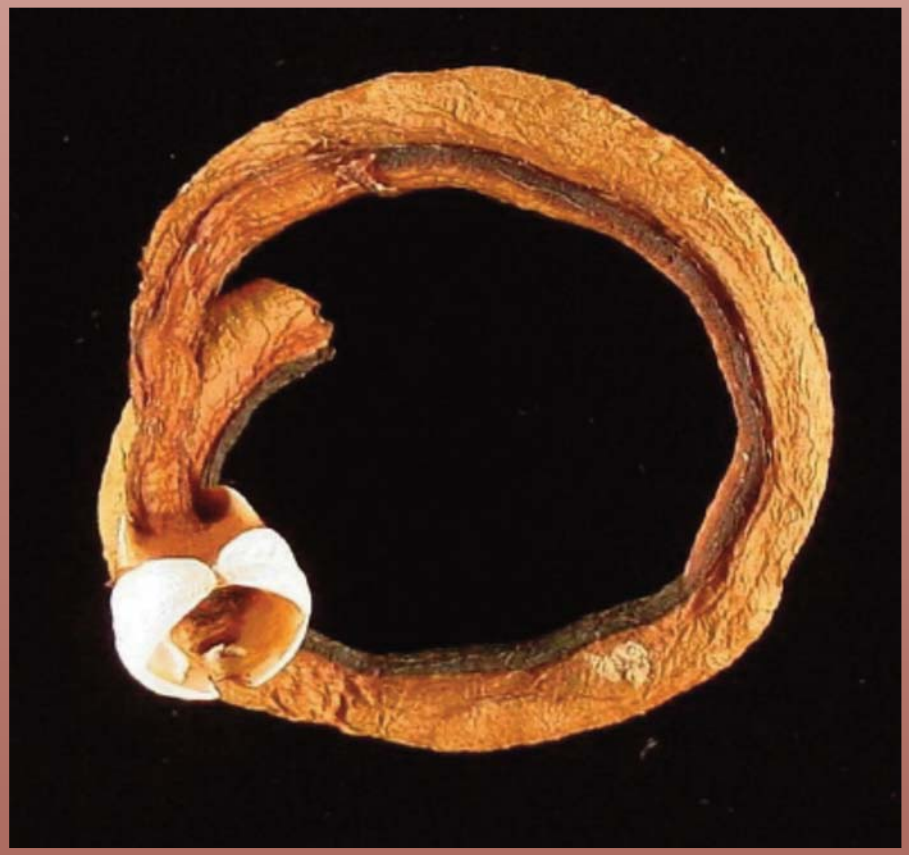
Uma canoa de vinhático pode durar até 50 ou 70 anos, bem mais do que a vida activa do seu dono.

Depende muito, está claro, de como ela for mantida; se for regularmente "emborcada", para limpar e secar o fundo. Mas mesmo quando o fundo dá de si, completamente perfurado pelo "busano", lá está Seu Otávio com suas artes para lhe dar nova vida e, sabe-se lá, até permitir que alguém mais a volte a comprar ao Manuel, o negociante que as vende a crédito, em suaves mas longas e perigosas prestações.

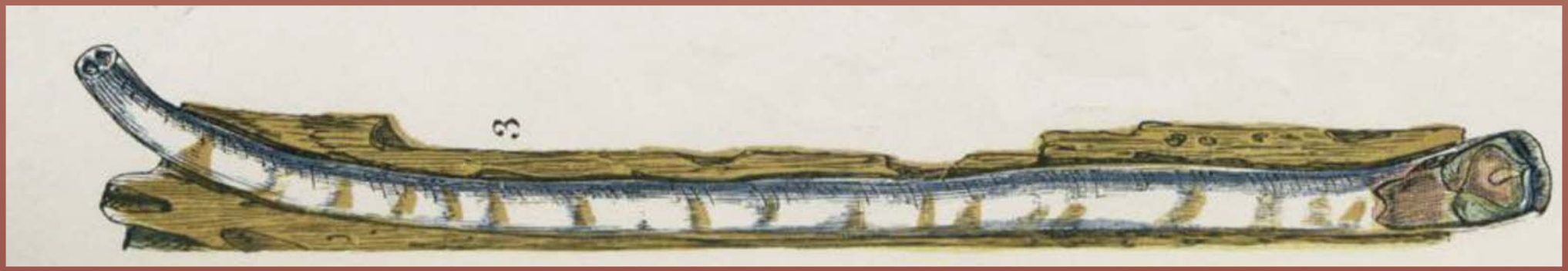
Furo feito pelo torneador para julgar da grossura do casco quando fabricou a canoa.

Aí vemos o "busano", numa canoa emborcada à espera de reparação, acompanhado das várias tentativas, por fim baldadas, de contra ele lutar com alcatrão.

O *busano, busão, ubiraçoca, estro, tavão* ou *gusano* é uma espécie de caramujo comprido que fura o fundo das embarcações e dos pilares de madeira (*shipworm* ou *Teredo Navalis*). É um molusco bivalve mas que se estende como uma minhoca. Os barcos do Cristóvão Colombo eram cobertos a cobre para evitar os furos do busano.



Fonte: Wikipedia



Fonte: John George Wood The Common Objects of the Seashore: including hints for an acquarium London 1866 in urbanneighbours.nypl.org/unwelcome/ref4.html

Emborcadas – secando ao sol.

Sem as canoas, o manguesal seria despovoado. É por meio delas que toda esta população por lá circula. Hoje em dia, não é do manguesal que se faz a vida – como comprar produtos de consumo com as pequenas quantias que se ganham vendendo peixe? Mas o manguesal é uma linha de segurança que mantém vivo quem não arranja emprego, quem já está farto de se sujeitar a patrões, quem quer criar os filhitos em paz, quem não tem vocação para absolutamente mais nada, quem se deixa levar pela beleza da vida solitária de pescador.

Desde as canoas mais domésticas, com pouco mais de 6 metros, até às canoas mais majestosas, de 14 e 16 metros que levam tripulações de seis pescadores, há centenas e centenas, milhares e milhares de troncos de vinhático boiando por essas águas do Baixo Sul e do interior do Recôncavo baiano: florestas inteiras de vinhático.

Lá de dentro sai muito peixe, muito marisco e muita gente; que, assim, se desloca de um lado para o outro afanosamente entre povoações que são viradas para a água.

De madrugada, frente a Maragojipe, perguntamos a uma canoa que passa cheia de homens cobertos com vistosos chapéus: “E vocês, de onde vêm?” Logo vem a resposta pronta: “Vimos lá da roça onde vivemos, fazer o mercado.” Na mesma hora em que eu com eles falava, Mónica tirou esta foto de um homem também com o chapéu da Festa de São Bartolomeu partindo para a pesca.

As mulheres usam pirogas, está claro, mas são os homens, sobretudo, que as amam, que as possuem, que a elas se dedicam com o encanto e o amor de quem sabe o que elas valem: essas bóias maravilhosas, com suas formas esbeltas mas prenhes, feitas do melhor que a natureza tem para dar.

"Mulher é *marisqueira* ;
homem *pescador*", dizem.
Mas os homens também fazem
mariscagem e as mulheres
muitas vezes ajudam os
homens na pesca. Não é raro, a
quem está na praia, ver ao longe
uma canoa no recife com um
casal dentro atarefado na pesca,
dando voltas toda
a tarde na água. No entanto,
mais a sul, em torno ao Canal
de Tinharé pelo manguesal
a dentro, num dia normal,
encontram-se mais homens que
mulheres.

O pescador leva peixe para casa e a moqueca dá de comer aos filhos, à mulher, à mãe, às irmãs ... já sabemos que, nesta zona, os arranjos domésticos dos homens variam muito. Coisa é certa, um homem que não traz rendimento ... Enfim, todos têm que contribuir.

Em Baiacu as mulheres também trabalham, está claro.

Veja-se o bom aspecto do aratu no balde dessa mulher, gulosamente fotografado por Mónica.

Quem anda de canoa na maré baixa, vê o aratu curioso, pendurado por entre as raízes do mangue mexendo a sua pata vermelha de lado para lado. Apanhado pelas mulheres por meio do pau com um fio que a mulher da foto anterior leva na mão, dá muito que comer.

Depois de cozido e descascado ("catado") – tarefa trabalhosa – dá uma "moqueca" (guizado com óleo de dendê) ou um "ensopado" (guizado sem óleo de dendê) de se chorar por mais.

Moqueca de ameijoas, pirão e tilápia frita.

Ponta Grossa – povoação vizinha a Baiacu.
As mulheres trabalham sobretudo com mariscos – ostras, siri, aratu ... O catado é empacotado e congelado para venda e constitui uma boa fonte de rendimento familiar.

Em Cairú, onde os turistas vêm ver o convento, a economia doméstica estende-se para novas fontes de rendimento.

Voltar ao início

3. A lição de Seu Otávio

Carlos Etchevarne, grande arqueólogo da Bahia, diz-me que se encontrou uma piroga datável de há cerca de 1500 anos, enterrada num banco de areia em Minas Gerais. Quer dizer, que a canoa está cá desde sempre, por assim dizer.

Mas porque se terão encontrado tão poucas, pergunta-se ele?

Eu acho que, se calhar, por elas serem de uma tão inescapável utilidade: desde o momento em que os grandes toros são esvaziados – hoje, por meio de motoserras, mas antigamente por fogo – e elas se tornam canoas; até ao momento em que, muitas décadas depois, partidas, passam a ser bancos e mesas; até, finalmente, quando passada já a forma reconhecível de canoa, acabam por aquecer uma noite fria ou ajudar a preparar uma moqueca.

Torrinha, Canal de Tinharé.

Como já vimos, eu conheci Seu Otávio em 2006, quando parei fascinado a vê-lo trabalhar na Xpita, fazendo-lhe um fundo novo com madeira de louro talhada a golpe certeiro pela sua enxó. É preciso conhecer a madeira, diz ele, orgulhosamente. "A madeira que tem mais variedades no mundo é o louro; com 25 diferentes tipos!"

Aqui o vemos a reajustar o ângulo de corte da enxó.

Para além da pesca – pesca – com arte de anzol, porque afirma não ter paciência para redes... nem para sócios – Seu Otávio emprega-se a reparar os fundos das canoas. Ele não é o único "carpinteiro de canoa" em Baiacu. No ano seguinte, conheci também o seu amigo e vizinho "Tuti", que labuta na mesma arte e cuja alcunha ("apelido") deriva do nome de uma fábrica onde trabalhou ali perto, no Recôncavo.

Manhã cedinho,
Seu Otávio volta da pesca –
um vizinho mostra parte do
produto.
Aí temos o caramuru –
peixe perigoso que tem que
ser morto com um golpe
fundo de facão na cabeça
antes de entrar na canoa,
porque morde.
O primeiro português da
Bahia recebeu dos índios
este nome, talvez por ter
saído do mar com a cor
esverdeada dos naufragados
e ... também por morder?

Um ano depois, um outro pescador mais a sul contou-me que, quando era jovem, um caramuru cortou o dedo dele e mostrou-me a cicatriz. Ele deitou-o no interior da canoa e pôs os pés em cima para ele não morder. Mas distraiu-se e baixou a mão no interior da canoa. Aí, o caramuru mordeu e ficou agarrado. Ele ficou assustado e abanou a mão e o caramuru caiu para a água, levando a ponta do dedo. "É bicho venenoso" – quer dizer, bicho mau.

O caramuru fica "mais valente" quando a maré começa a encher...

Essa aí é a “grozeira” – a arte de anzóis com que ele pesca, sozinho, a meio da noite; atirando à água um anzol com isca de cada vez enquanto a canoa se move no escuro. “A pescaria é coisa ingrata. E é sofrido. Um frio! Mosquito! Lento! Remar com o vento na cara!”

Mais cedo ou mais tarde, todas as canoas precisam de reparos: por um lado, por causa do busano que, de ano em ano, vai entrando na madeira sem que o pescador o veja, até que a come por dentro; por outro lado, porque de facto o vinhático tem um vício... mas já lá vamos – não cumpre apressarmo-nos.

O fundo da canoa tinha sido comido pelo busano. O carpinteiro, usando instrumentos simplíssimos vai, passo a passo, talhando a madeira para ela se fazer aos buracos e às curvas, para que as "cavernas" se encaixem à perfeição ao fundo; segurando com pregos, pelo interior, as novas tábuas.

As peças mais finas da canoa, os lados, não têm menos de 3 cm de espessura.
A obra é feita para durar tanto quanto a canoa.

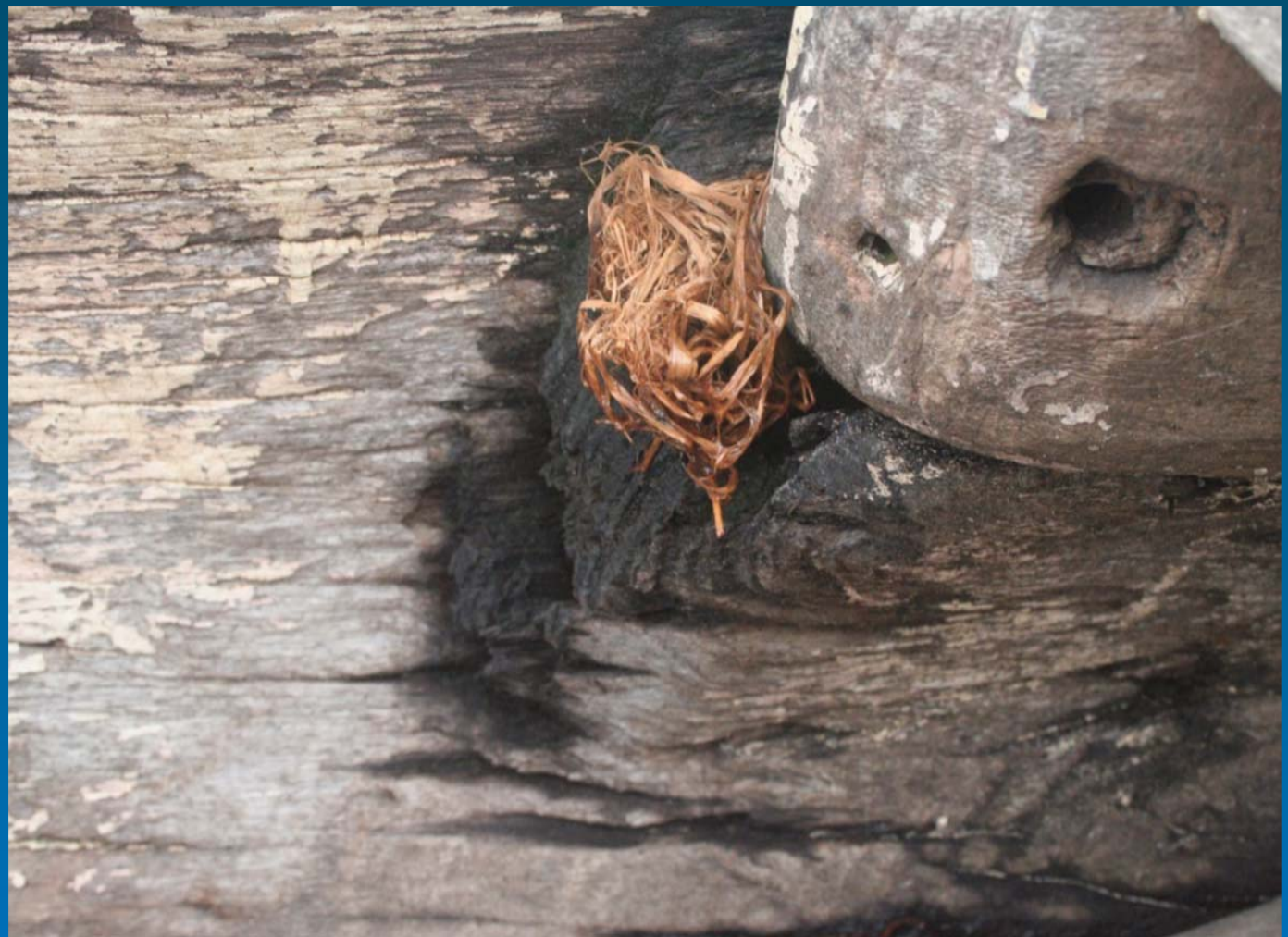
Uma canoa assim, pode ter várias vidas. Os reparos acumulam-se uns aos outros, não se desfazem ou substituem até serem eles mesmos a causa do problema.

Esta aqui, estava à espera que Seu Otávio pegasse nela e lhe desse uma terceira vida.

“Uma canoa tem sempre alguma água dentro,” explica Seu Otávio com calma. Não há problema, porque mesmo quando ela veda muito bem, ainda assim entra água trazida pelas pessoas, pelos peixes, pelas redes, pelas ondas, pela chuva...

Há mesmo um instrumento semicircular, que se ajusta ao bojo da canoa, para segurar o peixe num lado, de forma a que a água vá escorrendo para o outro e seja possível vazá-la: a “antepara” ou “cunha”. Aí a vemos, debaixo do banco, puxada para o lado, depois de retirado o peixe.

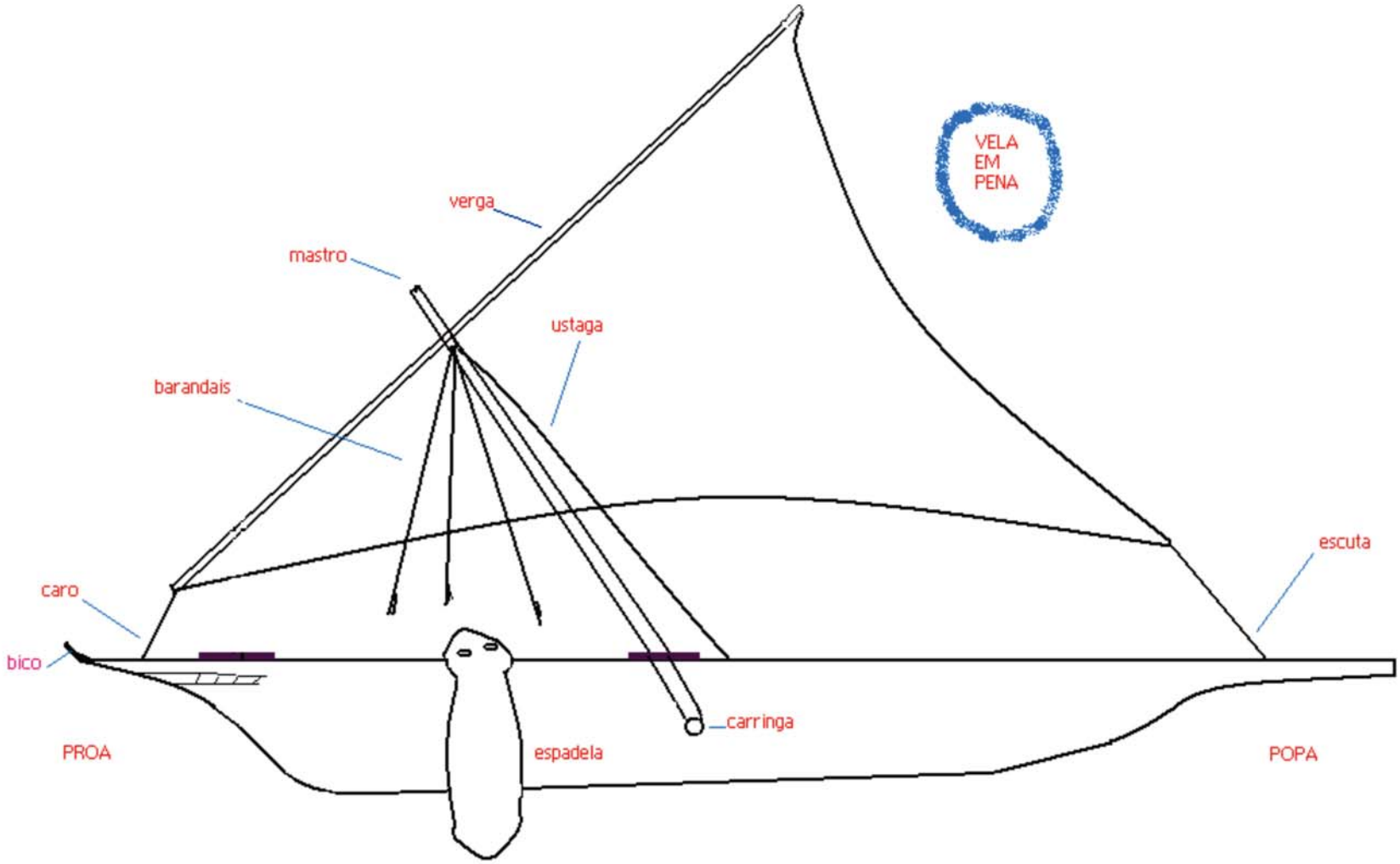
E, de qualquer forma, uma canoa bóia sempre, mesmo se furada. O problema seria mexê-la, está claro. Mas, por isso, os remendos fazem-se à medida que são necessários e sem pressas. Uns, mais permanentes, são de madeira ajustadinha e calafetada. Outros, se o que há mais à mão é palha de piaçaba, pois lá terá que ser.



Elas ficam pousadas quietas sobre a lama durante a maré vaza ou boiando ao ritmo do vento, quando a maré sobe sobre o lamaçal. O banco da frente, ou um dos furos que seguram o cordame da vela à proa, suportam uma argola de corda ou cadeado, fechados em torno ao "mourão". A canoa sobe e desce com a maré presa ao mourão que, por sinal, é impossível de arrancar, porque está enterrado muito fundo na lama e é feito de uma palmeira fina a que chamam "buri."

Baiacu
vista
do mar.

O buri é tão adequado a este fim, que só apodrece por cima, nunca pelo fundo. É a parte cortada em cima que absorve a água da chuva, acabando por apodrecer, por isso é cortada em cunha. Assim, os mourões vão-se tornando mais curtos com o tempo, até que é preciso enterrar outros ao lado deles.



Aí está uma cópia aproximada do desenho que o Seu Otávio me fez sobre uma folha que logo deitou fora, obrigando-me a copiar o dele todo amarrotado: "porque não tenho jeito para desenhos". Meti a vermelho os nomes das várias peças que vos apresentarei de seguida.

A canoa tem normalmente dois bancos que são feitos de tábuas furadas a meio.
Em cada banco um furo e em cada furo um mastro.
Os mastros entram pelo banco e vão prender na "carringa" – furo feito na "almofada", uma espécie de cinta interior, onde a madeira foi menos escavada para ficar mais grossa. Essa cinta serve, por um lado, para isso e, por outro, para reforçar a canoa a meio – a zona onde as ondas têm maior impacto.

Esse banco era o da *Flecha*, a canoa de Seu Otávio: “Comprei-a nova, em segunda ou terceira mão, por 3200 Reais, ano passado” (i.e. 2006). Veio de Coqueiros do Paraguaçu, onde os saveiros se acumulam. Aqui está um ângulo desse povoado, visto por quem desce o Paraguaçu em direcção ao Mar de Iguape (uma bacia interior no Recôncavo).

Há dois tipos de posição para o mastro: vertical ou inclinado para a frente. Este último é mais eficiente com equipes maiores de homens, já que leva uma vela maior que permite transportar mais peso – mais redes, mais peixe. Chama-se "vela em pena". Para a vela se inclinar para a frente, furam-se os buracos desencontrados, de tal forma que o anel interior fica um pouco para trás por relação ao banco do centro.

Mas há canoas com duas carringas sob o banco do meio, permitindo que se lhe meta tanto vela vertical como em pena.

As velas enroladas e os remos feitos de madeira pesada para não flutuarem ficam arrumados nos barracões construídos sobre plataformas feitas de lama e piaçaba.

A vela vertical é o “traquete”, uma vela menor, quase quadrada – tem mais altura que largura e é mais estreita em cima que em baixo. Sem verga, a vela é aberta pela “espicha” presa obliquamente por uma corda ao meio do mastro.

É mais fácil de usar, porque só exige uma amarração, enquanto que a vela em pena exige duas. Aqui está uma vela de traquete, posta a secar por trás de uns “munzuás” – armadilhas para caranguejo.

Velas a secar em Cacha-Pregos.

Algumas canoas só têm uma vela de traquete, que é montada em vertical no banco do meio. É uma solução fácil para o pescador que anda sozinho e que não tem pressa nem grandes distâncias para atravessar. Aqui está a mesma vela de traquete, um ano depois, preparando-se para mais uma expedição.

Fomos a Ponta Grossa na Flecha para Seu Otávio me mostrar a forma como ele usa a vela de traquete.

“A minha vida é livre, entendeu?”

Vela morcegueira.

Gostam de fazer o mastro de pindaiba (*Duguetia lanceolata* St. Hill. – um tipo de árvore de fruto) por ser fina e ceder, mas ser muito resistente.

Mais lentas e menos exigentes, digo eu; mas, mesmo assim, é surpreendente a velocidade a que andam.

Este aqui, vislumbrado à distância no canal de Torrinha, perto de Cairú, vinte minutos depois já estava a aproximar-se de nós sorridente com a sua vela que, por ser feita de expedientes, não era nem menos veloz nem menos bela.

A canoa estava pesada com a manta de folha de dendê e fio de piaçaba com que ele faz as armadilhas para o peixe nas coroas (zonas de menor profundidade) destes canais interiores do manguesal.

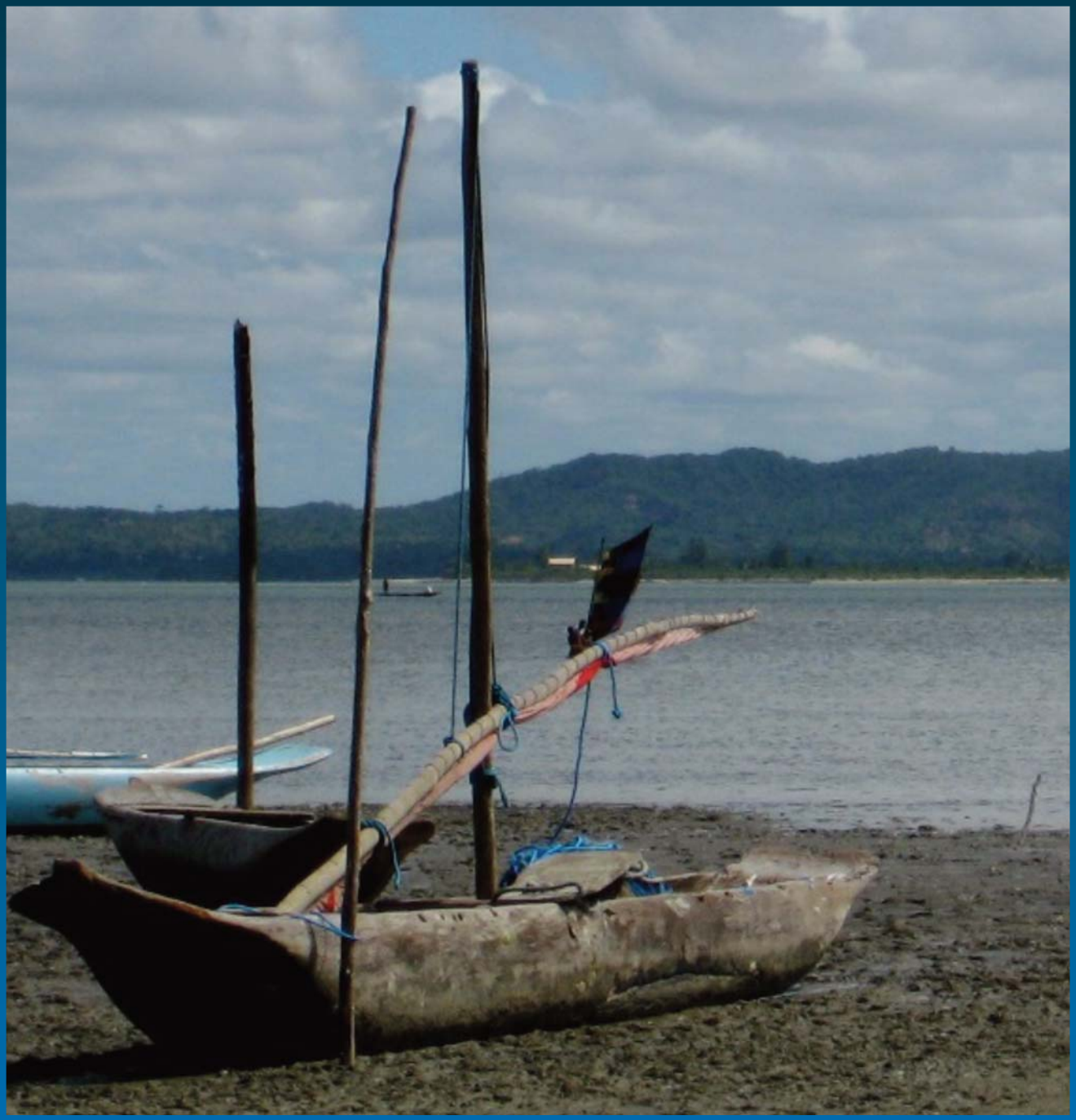
Duas velas de traquete grandes numa bela canoa de mais de 12 metros passando ao largo do atracadouro de Salinas.

Em Baiacu, na Ilha de Itaparica, esse tipo de pesca é menos frequente, porque as águas são mais fundas. Aí, eles têm distâncias maiores a percorrer, usam redes de nylon e preferem velas em pena, maiores, mais exigentes, para tripulações de 6 e 7 homens. Aqui estão duas canoas, uma com duas velas de traquete a chegar e outra com vela de pena, preparando-se para sair.

A vela de pena, com o ângulo da vela para cima, montada sobre um mastro inclinado para a frente, cria uma dinâmica única e muito distintiva, que o nome de “pena” capta bem. Aqui está essa de há bocado, agora tomando vento.

Em repouso, o varal é baixado e a vela enrolada sob ele. É assim que ficam a dormir no descanso da lama.

Vejam aí a vela enrolada sob a verga. Notem também que, em cima das redes, está pousada a “espadela” – a tábua que é solta do lado de fora da canoa no lado contrário ao vento para a estabilizar.



Essa mesma canoa em movimento.

Esta tábua é muito importante na navegação com vela em pena, porque é o que impede a canoa, (cujo fundo é tubular) de deslizar para o lado quando empurrada pelo vento.

Mas não pode ser feita de vinhático, porque este bóia e vem ao de cima. Geralmente, é feita de uma madeira mais pesada e mais dura. Esta aqui é de sucupira (*Pterodon emarginatus*).

A “ustaga” é a corda junto ao mastro que levanta a vela, aqui feita de nylon azul.

Seu Otávio, vestido com sua camisa de sorvete Kybom, demonstra como se sobe uma vela, puxando pela ustaga – velha palavra naval de incerta origem francesa.

À frente, a vela é amarrada junto ao varal pela corda chamada "caro". Aqui, porque a canoa está em repouso, o caro está atado ao bico.
(*Caro* – palavra naval derivada do grego para 'corno' e que nos chegou há muitos séculos por via da Catalunha.)

As cordas da vela são seguras a uns buracos feitos ao jeito do cliente nos lados da canoa. Note-se, porém, como o vinhático é uma madeira resistente; qualquer outra madeira esgaçaria logo à primeira puxadela da vela.

Mas, mesmo assim, a canoa corre o risco de virar quando o vento está forte – o fundo é chato e o andar apressado. Então é preciso equilibrá-la. Para isso, os homens dependuram-se dos "barandais". Notem, por um lado, os nós feitos na corda para meter as mãos e melhor segurar durante os longos períodos de navegação; por outro lado, notem que esta canoa tem 4 barandais – isto é, uma tripulação de nunca menos de 6 homens, já que quatro vão pendurados, um vai à frente junto ao "caro" e outro vai à popa a prender a "escuta" e dirigir com o remo.

Também é possível segurar um motor à canoa e ir por aí fora muito mais confortavelmente. Faz-se mais barulho, está claro; mas, sobretudo, gasta-se dinheiro – que é precisamente o que por lá não há. Ora a sobrevivência desta pesca de canoa é sinal de que a economia monetária tem uma penetração desigual nesta região.

Seu Otávio, por exemplo, tem uma "aposentadoria" – esse maior do que todos os outros sinais de que o Brasil é mesmo uma democracia –, o que significa que pode arrendar a sua casinha à senhoria, desde que se sustente com o que a pesca e a carpintaria lhe forneçam. Por sua vez a senhoria, uma vizinha ali ao lado, usa a renda que ele lhe paga como ele usa o pouco que o Manuel – o comerciante das canoas – lhe dá pelas reparações que faz. Por falta de dinheiro, em Baiacu, quase não há motores em uso. Mesmo assim, a Flecha já susteve um motorzito, em mãos de proprietário anterior.

Lá mais para sul, os vizinhos de Seu Chiquito montam um motor numa canoa.

As marcas das cordas da rede já vão fundas quando finalmente a canoa for paga, se não for revendida antes, como solução de recurso. E lá volta o pescador a depender de uma "canoa de dono".

Coisas da vida! Não dá para fazer muito romance. Isto da pesca é uma solução de recurso, não é com isso que uma pessoa vai ganhar dinheiro para montar casa, educar filhos, guardar o amor de uma mulher...

Os pescadores são tão móveis como as canoas.

Assim foi com Seu Otávio: depois de ter criado 6 filhos em São Roque de Paraguaçu, zangou-se com os amigos e simplesmente pôs-se a andar. Foi para Baiacu, onde conhecia gente, porque era perto – e, portanto, terreno conhecido – mas num sistema rodoviário diferente, por isso difícil de acesso. Comprou paz e sossego. Mas saudades ... lá isso tem.

E tem havido importantes melhorias ultimamente. O nylon foi uma, porque tornou as redes mais duráveis, mais fáceis de reparar e fazer e muito, mas muito mais duráveis. Tão mais duráveis que, como não se gastam, o preço do nylon tem vindo a descer, porque os comerciantes não conseguem esgotar o que têm.

Ao mesmo tempo, tornou as cordas mais suaves nas mãos: isso foi uma mudança muito importante, porque as antigas eram feitas ou de algodão – que apodrecia – ou de piaçaba e espetavam-se nas mãos quando corriam – tudo muito doloroso com perigo de infecção.

Dentro dessa canoa, portanto, é tudo alta tecnologia moderna ao serviço de uma das formas mais artesanais de caça que ainda sobrevivem no nosso mundo cada vez mais alterado.

Ora, recentemente, os pescadores do interior do Recôncavo tiveram mais uma amostra do que pode vir a acontecer. Apareceram na zona do baixo Paraguaçu milhares de peixes mortos. Como de costume, só eles ficaram a perder; porque foram proibidos de vender peixe durante a época da Páscoa, quando o preço normalmente sobe.

Os jornais sugeriram que era uma "maré vermelha". Nada disso, diz Seu Otávio, que trabalhou na construção do gigantesco estaleiro da Petrobrás, assim como na Dalquímica, em épocas da sua vida em que precisava de ganhar dinheiro para a família. Ele sabe muito bem que as condutas submarinas estão sujeitas a desenvolverem fugas e que por lá passam substâncias altamente tóxicas – mesmo por baixo de onde eles apanham todo aquele peixe!

No balde do peixe miúdo – pequeno demais para comer, que fica no fim da partilha e serve de isco para o munzuá – Seu Otávio identificou algumas das principais espécies locais.

Baiacu

Aramaçá (solha)

Agulha

Mirim

Carapicum

Carapeba

Xangó

Massambi (que em grande chamam sardinha).

Falando sobre a crise actual da pesca, Seu Otávio afirma: “Peixe é cardume. Acabou o cardume, acabou a fartura”.

As redes são deitadas da seguinte forma:

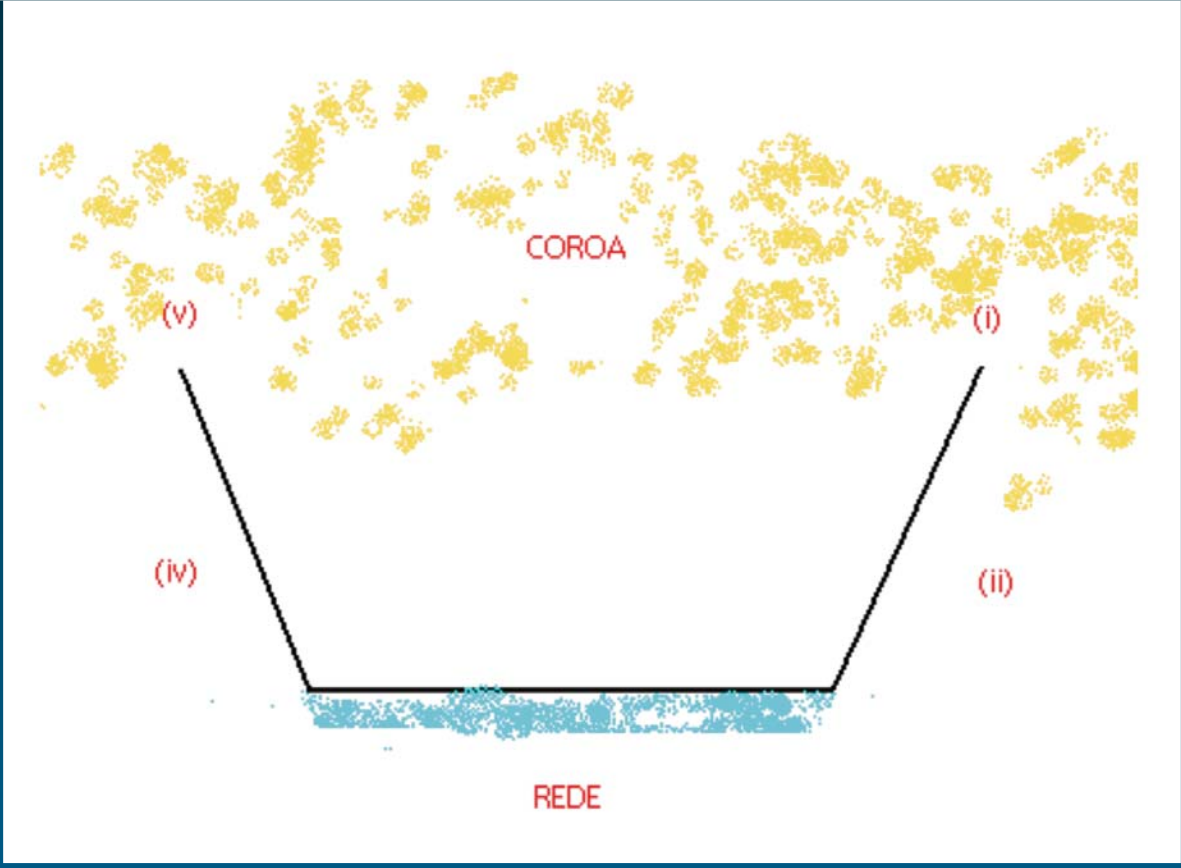
(i) um pescador fica na coroa (zona de água menos funda) segurando uma ponta da corda,

(ii) a canoa vai-se deslocando e a corda desenrolando – e assim fazendo por fricção aqueles sulcos que vimos na popa;

(iii) depois a canoa vira para o lado direito e vai espalhando a rede;

(iv) finda a rede, a canoa vira outra vez para a direita e mais uma vez se espalha a corda, agora numa direcção mais ou menos paralela à da corda inicial;

(v) por fim, outra vez na coroa, prende-se a ponta da corda e começa-se a tarefa de puxar a rede.



Com sorte, assim se apanha uma "manta" (um cardume de peixe) e se volta com a canoa pesada para casa.

Nestas operações se usa, por vezes, a "tuleteira" – uma espécie de apoio que se fixa a um lado da canoa onde está montado um tulete em pé – que é um pau onde se prende uma corda para fixar o remo e poder mexer a canoa a remo.

Aqui vemos o nosso homem explicando o sistema, recorrendo a um pau qualquer que para ali estava.

E estamos a chegar ao fim da lição. Mas falta ainda algo de importante, que explica pelo menos parcialmente a actividade de Seu Otávio. É que, de facto, o vinhático tem um vício que é, ao mesmo tempo, a razão pela qual ele é escolhido para esta função. Esta árvore tem um tronco largo, forte, direito e de lados cilíndricos com a seguinte característica: o exterior é de madeira leve mas dura, quase indestrutível, difícil de cortar, mas o interior tem uma madeira mole e fácil de ser queimada. Assim, uma vez retirada a tampa de um tronco, por assim dizer, era relativamente fácil queimar o interior sem que a camada exterior (que acabaria por constituir a canoa) se destruísse. Hoje, é tudo feito a golpe de motoserra, já não é preciso recorrer ao moroso e complexo processo ígneo. Por isso, até, aqui e ali, ficam os deslizes, os erros da motoserra – como se vê na parte de baixo da pala da popa desta canoa novinha em folha.

Nas pontas da canoa, o interior do tronco (o “geral” onde a madeira é mais mole) acaba por constituir uma parte exterior.

Na proa, à frente, onde o formato em bico de pato permite maior grossura, o problema é menor; na popa, porém, onde a pala final é esvaziada por baixo, o geral fica em contacto com os elementos e, mais tarde ou mais cedo, acaba por ceder – já que a madeira de que é feito se esfarela com alguma facilidade, como o nosso carpinteiro exemplificou com a unha nessa mesma canoa aí.

Há truques para esconder esta fraqueza.

No fim, porém, o “geral” vai sempre acabar por dar de si. Todas as canoas vão precisar de um carpinteiro que as remende.

Vejam como esta velhinha se esfarela logo ali na popa, já tendo recebido um remendo do lado direito.

Nisso, então (e também nos fundos comidos pelo busano), trabalham os carpinteiros que, como o nosso Otávio, reparam aquelas partes em que a natureza fica a dever.

Não há, afinal, bela sem senão.

Voltar ao início

4. Interlúdio poético

É na água que o canoeiro se move. Ele é homem, ele é pobre, ele procura o sustento num meio ambiente pródigo mas imprevisível. O canoeiro é um predador com o seu facão na mão, suas camboas na areia, suas redes sempre a puxar. As águas escuras escondem e fornecem o sustento do canoeiro.

O pescador entrega a sua sorte às águas – nas mãos da Mãe d'Água, Iemanjá, Rainha do Mar.

Iemanjá, a sereia que joga com a morte e a vida, surge em toda a parte nestas costas frondosas.

Olivença, perto de Ilhéus

Ofertas a Iemanjá (Itapoã, Salvador) – “no sincretismo” Nossa Senhora da Conceição.

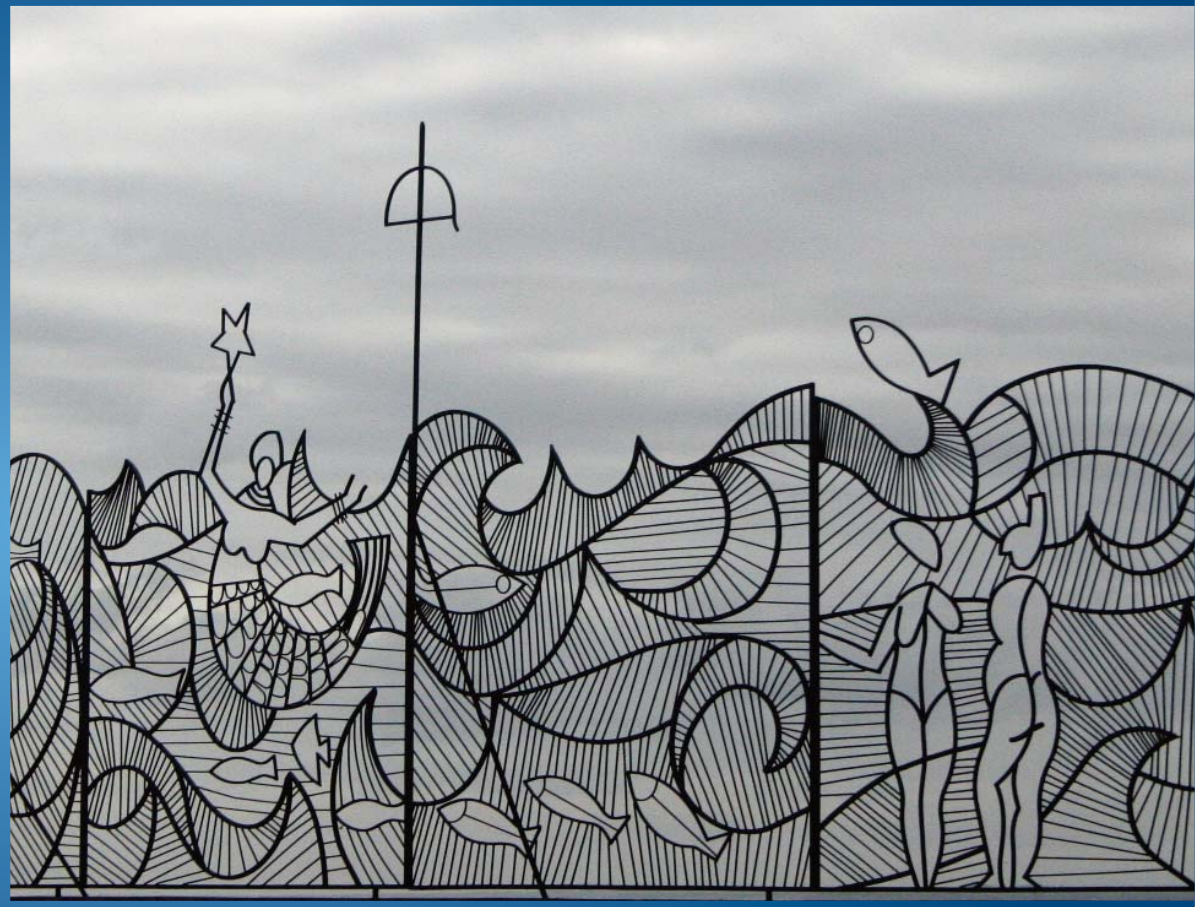
Vejam a canoa usada para salvar António em 1770:

Museu Oscar Niemeyer, Curitiba

"Mercê que fez Nossa Senhora da Conceição a António, escravo do Mestre de Campo Henrique Moniz que, querendo atravessar este rio na ponte de [...] para a outra banda sem saber nadar, caiu no fundão e a correntesa de água o levou por baixo da ponte até quase à olaria do Capitão João de Andrade. E, chamando por esta Senhora, da mesma olaria o acudiram e o salvaram, ficando livre de morrer afogado em dias de Agosto de 1770".

Dia 2 de Fevereiro,
Dia de festa no mar,
Eu quero ser o primeiro
Pra salvar Iemanjá.
Escrevi um bilhete a ela
Pedindo pra me ajudar.
Ela então me respondeu,
Que tivesse paciência de esperar.
O presente que mandei pra ela
De cravos e rosas vingou.
Chegou, chegou, chegou
Afinal que o dia dela chegou.

Dorival Caymmi



Caribé, MAM, Salvador

Iemanjá devolveu esta flor. Quem a terá oferecido?

3 de Fevereiro – Praia do Rio Vermelho, Salvador

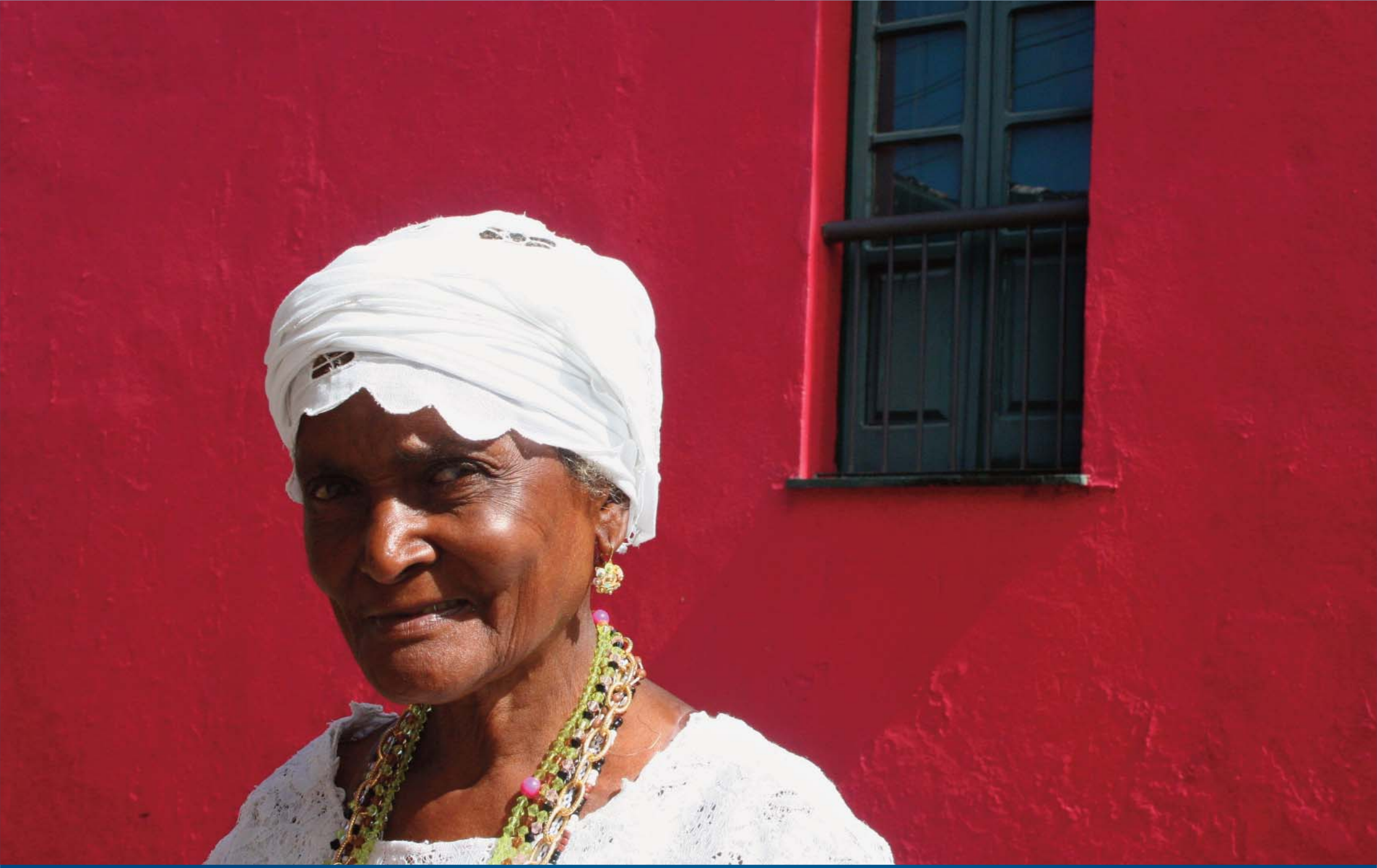
Oferta a Iemanjá numa lagoa encantada, Salamina.

Iemanjá e vários Exús – Mercado de São Joaquim.

Canoa dedicada a Iemanjá.

Iemanjá entre outros orixás.

Terreiro de Mãe Hilsa, Ilhéus 2006



Cachoeira

Eu não tenho onde morar,
É por isso que eu moro na areia.

Eu nasci pequenininho
Como todo o mundo nasceu.
Todo mundo mora direito,
Quem mora torto sou eu.
Vivo na beira da praia
Com a sorte que Deus me deu.
Maria mora com as outras,
Quem paga o quarto sou eu.

Eu não tenho onde morar
É por isso que eu moro na areia.

Dorival Caymmi

O sonho de uma casa
nos muros de uma cela da
velha prisão de Valença.

O sonho de uma mulher:
Dini – mulher perigosa! –
pertencia a Cosme e
apelidava-o de Zidane!

Canoas em repouso. Noite de São Bartolomeu em Maragogipe.

Em Coqueiros, no interior do Canal, perto de Cajaíba e Cairú, S. Francisco recebe S. Sebastião, no meio de festa rija...

A banda de Una, num dia de festa em que ACM (António Carlos Magalhães, já muito velhinho) estava a visitar a cidade.

Festa da Senhora da Boa Morte, Cachoeira.
18 Agosto 2005

Samba de roda pela noite fora.

Durante a semana, na maré baixa, o campo de futebol fica disponível para a miudagem.

Milagre

Maurino, Dadá e Zeca, ô
Embarcaram de manhã.
Era quarta-feira santa,
Dia de pescar e de pescador.
Se sabe que muda o tempo,
Se sabe que o tempo vira.
Aí, o tempo virou.
Marino, que é de güentá, güentou.
Dadá, que é de labutá, labutou.
Zeca, esse nem falou, ô.
Era só jogar a rede e puxar,
Era só jogar a rede.

Dorival Caymmi

Ogum Marinho/St.º António Sargento

Ofertas votivas, Senhor do Bonfim, Salvador

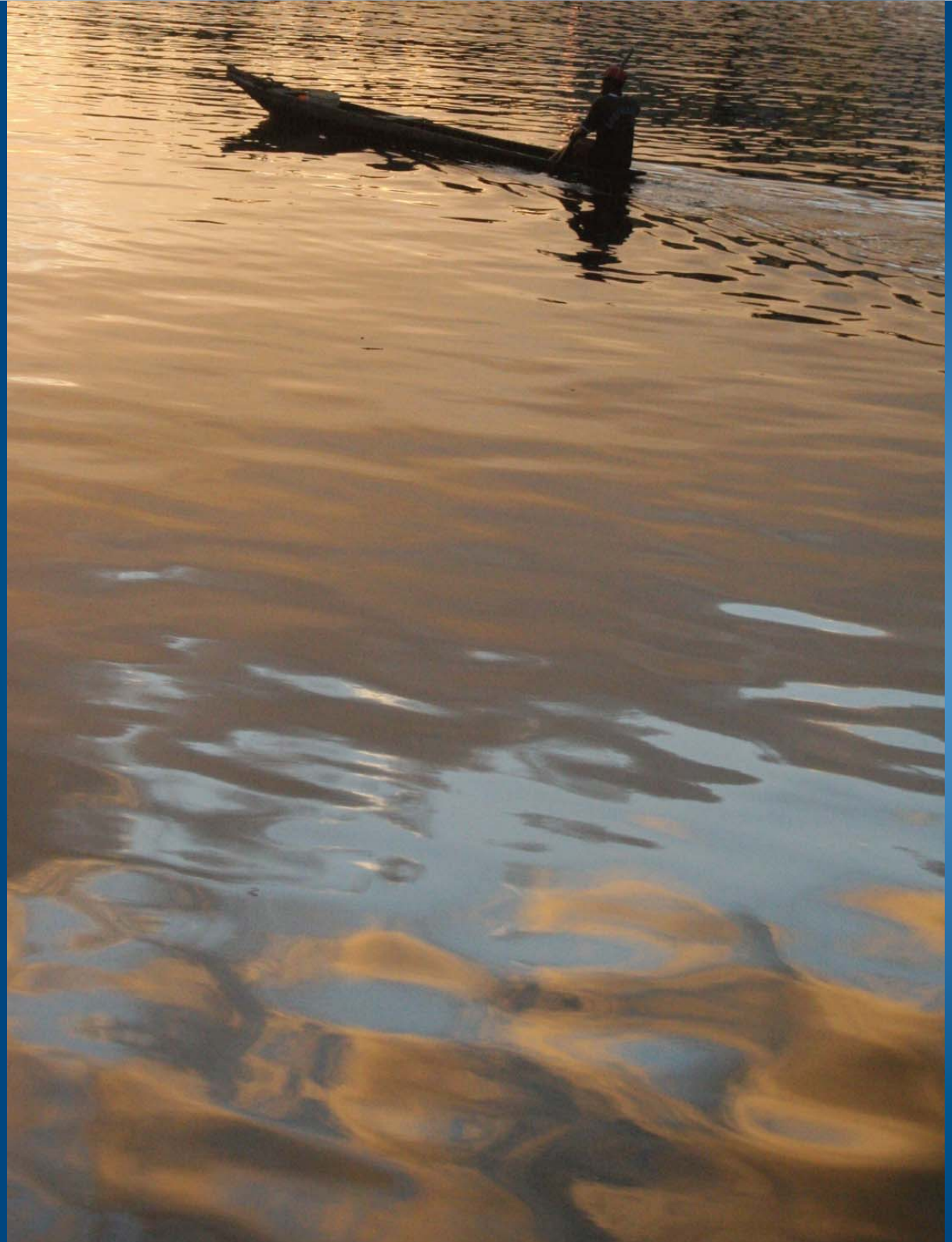
A morte espera-nos onde menos a prevemos. Dois dias antes de eu o conhecer, Seu Romão teve sede, pegou numa vara para tirar um coco.
O pau deslizou e a ponta aguçada espetou-se-lhe no peito – "mais um milímetro", disse o médico, "e você tinha ido pr'a melhor." Escapou por um milagre. Quinze dias depois, lá estava outra vez, de enxó em punho, escavando a linda madeira cor de limão, com a cicatriz ainda fresca.

AGRADECO
SÃO BENEDITO
DA PORTARIA
A GRAÇA RECEBIDA
A M. S. DE JESUS

Terreiro de D. Lindinha (Valença) várias imagens da Mãe D'Água e as cores de Ogum Marinho (St.º António).

Baiacu

Cerca o peixe, bate o remo
Puxa a corda, colhe a rede.
O canoeiro puxa a rede do mar.

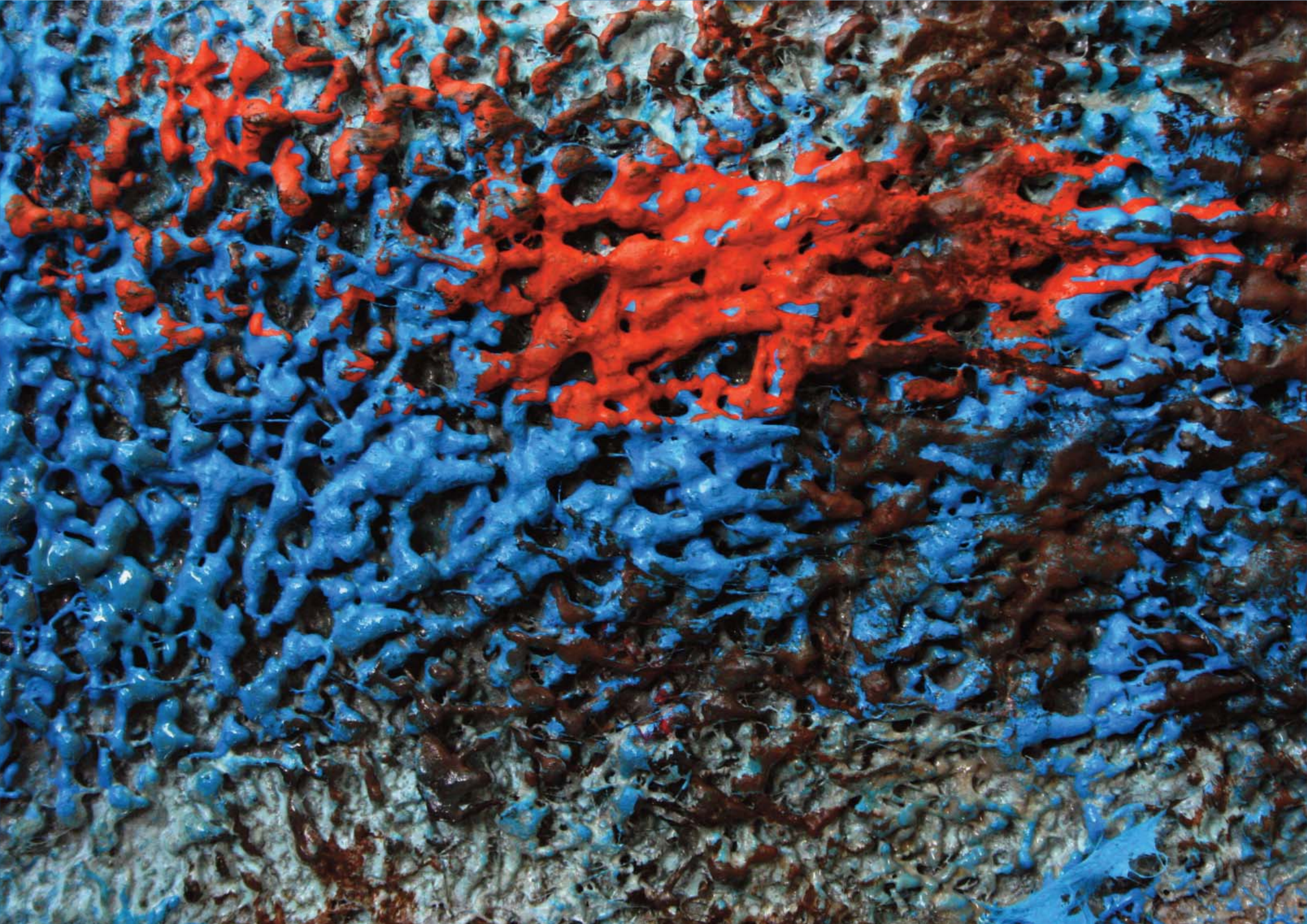


Aquilo que eu sinto impõe-se-me irremediavelmente.
Aquilo que existe fora de mim impõe-se-me com igual força.
Mas as extensões da minha mão em direcção ao mundo têm uma especial ambiguidade na sua presença.

São objectos que transitam entre o meu pensamento e o mundo.

Pomba Gira. Mercado de S. Joaquim, Salvador

Não só me permitem mudar o mundo, como permitem que eu me re-situe face a ele. São, por excelência, o campo da criatividade e da imaginação.



Tal como os carros, as motos, os aviões, as bicicletas; as canoas são objectos que ficam à porta do sonho. Por isso mexem com as nossas emoções.

Foto Manuel Ribeiro do Rosário

Não são de lá (como Iemanjá e todas as sereias que os meus canoeiros – gente séria – diz que nunca viu).
São de cá, mas abrem as portas do possível. Por isso são investidas com um especial fascínio.

É doce morrer no mar

É doce morrer no mar,
Nas ondas verdes do mar.

A noite que ele não veio
Foi de tristeza pra mim.
Saveiro voltou sozinho,
Triste noite foi pra mim.

É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar

Saveiro partiu de noite,
Madrugada não voltou.
O marinheiro bonito,
Sereia do mar levou.

É doce morrer no mar,
Nas ondas verdes do mar.

Nas ondas verdes do mar, meu bem
Ele se foi afogar.
Fez sua cama de noivo
No colo de Iemanjá.

É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar

Dorival Caymmi

Ituberá, cachoeira

Senhora da Piedade,
Convento de Cairú

Cairú ao por do sol

Voltar ao início

5. Cajaíba – da árvore à canoa

Fonte: Google Maps

A BA 001 foi construída na década de 1950. A sul de Nazaré das Farinhas – fronteira sul do Recôncavo – a estrada entra pelo manguesal a dentro numa zona onde tradicionalmente se plantava mandioca para, mais a norte, dar de comer aos escravos das grandes plantações.

ITUBERÁ 88 km
CAMAMÚ 115 km
TRAVESSÃO (BR-101) 157 km
VALENÇA 42 km
TAPEROÁ 62 km
NILO PEÇANHA 69 km
BA
001

A BA 001 atravessa Valença.

Esta é “a estrada que substituiu os saveiros” , como diz o amigo Vaz Galvão. Esses barcos maiores, cantados ainda por Jorge Amado, não desapareceram de todo – como vimos em Coqueiros de Paraguaçu.

O comerciante de canoas de Baiacu, tinha-me dito que elas eram feitas lá no Baixo Sul, entre Valença e Camamu. Fui perguntar aos meus amigos de Valença.

Um deles, cujo pai tinha sido armador no porto, assegurou-me que nos estaleiros da cidade já não se fazem canoas de vinhático, até por ser proibido usar essa madeira que se vai tornando rara. Segundo ele, porém, a sul de Valença, em Cajaíba, ainda há quem as faça.

Nos estaleiros em Valença, encontram-se aqui e ali restos de projectos ambiciosos demais, dando de comer ao busano e aos caranguejos. Caravelas que não chegaram a navegar depois de esgotado o dinheiro para celebrar os 500 anos da "descoberta".

Cajaíba – a povoação do manguesal

Aqui as casas melhores têm duas frentes, uma virada à estrada, mais vistosa; outra virada ao mangue, doméstica, desarrumada, lamacenta. Assim, podem ser aproximadas tanto pela água, na maré cheia, como pela estrada.

Por trás dessas casas, ao pé do morro da igreja, podemos ver a maré a subir por entre os dendezeiros e as roupas a secar na brisa marinha caracteristicamente morna.

Nesta zona costeira, logo para o interior do manguesal, as culturas dominantes são o dendê, o craveiro, a piaçaba e a mandioca. Mais para o interior, encontramos rebanhos de gado zebu a pastar a erva densa – brancos ou malhados. Sempre lentos e misteriosos, lembram a mística da sua Índia original. São óptimas montadas – calmas, possantes.

Zebu carregado de dendê – BA 001

Segundo narra a história, Cajaíba tem a sua origem num bando de mercenários irlandeses que viraram arruaceiros em Salvador.
Os governantes à época, conta Galvão, terão decidido dar-lhes terras em Cajaíba.

E por aqui terão ficado, deixando entre alguns habitantes as características marcas fenotípicas, resultantes da mistura com as escravas índias e as mulheres mamelucas que por aqui encontraram.

Nossa Senhora do Desterro –
em que pensariam os irlandeses...

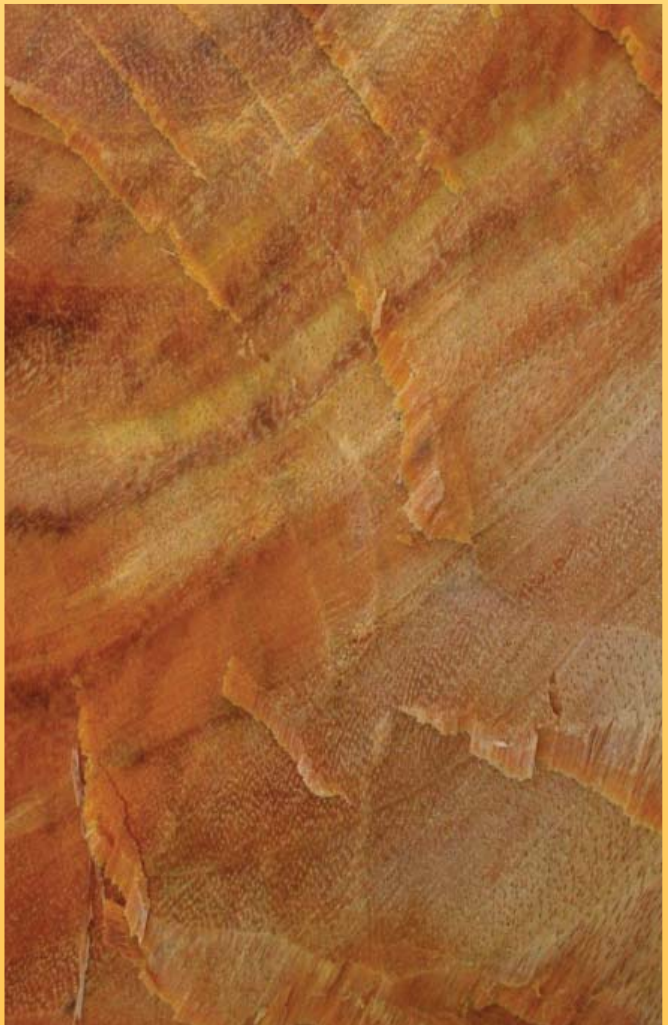
O cemitério de Cajaíba, ao lado do dispensário, nas traseiras da igreja, inspirou o "vício fotográfico" da Mónica e do Manuel Ribeiro do Rosário quando que por lá tínhamos passado, há anos atrás.

Chão da igreja

Chegado a Cajaíba, uns transeuntes sugeriram que falasse com Seu Chiquito, numa casa cujos fundos se perdem por entre as árvores, a lama e os canais. Fui simpaticamente recebido pelo filho – Cafú, "como o jogador," diz ele, vaidoso do seu "apelido". O pai tinha partido para "a Ilha" (Itaparica) com o barco grande, entregar uma canoa em Misericórdia.

Era um fim de dia em que a luz já fugia e eu estava mal preparado para o encanto do que me confrontou: ali mesmo ao lado da estrada, entre os pés de piassaba e dendê, numa zona onde a água ainda chega na maré cheia, um tronco gigantesco de madeira amarela de vinhático!

O vinhático, quando exposto aos elementos, é de um cinzento acastanhado, mas, Seu Otávio insistia que se tratava de uma "madeira amarela".



E, de facto, quando finalmente cheguei à madeira fresca, aí estava essa cor inconfundível; um lindo amarelo de limão contrastando com o quase preto das partes molhadas que tinham sido arrastadas pelo lodo.

O “xaboque” antecede a canoa. Na mata, já lhe esvaziaram o “geral”. Foi deixado uma noite ao lado da estrada, e depois transportado para o estaleiro de ocasião boiando nas águas da maré cheia. Como se tivesse uma vocação imanente, será agora “torneado” para dar forma à beleza do objecto final. O torneador já começou a obra, mas feriu-se gravemente e está “encostado” por quinze dias com um subsídio do INSS.

O xaboque

O primeiro corte é logo feito na mata, mal a árvore cai. Sem isso não a conseguiriam transportar. As marcas da motoserra usada grosseiramente ainda estão bem nítidas no interior. Quando se feriu, Seu Romão já tinha começado o processo de desbaste. Tem que se tirar toda a madeira superficial, de cor branca.
Um tronco de, para aí, 20 metros pode dar duas canoas e sai ainda muita madeira. Numa canoa normal, a proa é mais larga que a popa (o que dá o aspecto aerodinâmico), por isso fica para baixo.
Esta aqui, como é uma canoa grande, de 11 metros, deve ter sido tirada da parte de baixo do tronco.

Segundo os entendidos, o vinhático é a madeira ideal para fazer canoas. Mole por dentro, rijo por fora; muito denso mas leve, o vinhático dispõe-se à perfeição para ser dug-out, como dizem os ingleses. Existem outras madeiras localmente, mas nenhuma delas se compara em adequação à função, porque:

- Pequi – é má, vai para o fundo.
- Moanza – é ruim, não dura.
- Cedro verdadeiro – racha no sol.
- Louro graveto – faz, mas não é bom.
- Outicica – durável e bonita (mais que vinhático) mas difícil de encontrar.
- Ingauçú – não tão bom como o vinhático, mas faz-se.
- Jiquitibá – dura pouco dentro de água e "Ibama pega".
- Jaqueira e outras árvores de fruto – são pouco direitas.

Plathymenia reticulata – vinhático amarelo

Foto: http://www.arvores.brasil.nom.br/vinhat1/

Vinhático

Plathymenia reticulata Benth. – Fabaceae-Mimosoideae

O vinhático é uma árvore nativa do Brasil, cresce desde o baixo Amazonas até São Paulo. Encontra-se disperso com uma incidência média de mais ou menos três árvores por acre.

A mais antiga área de ocorrência da espécie é na zona centro-norte do estado de Minas Gerais. A sua zona de maior presença hoje, contudo, é no "cerrado" (savana seca) do sul da Bahia e Espírito Santo.

Os xaboques que chegam a Cajaíba vêm de todo o interior: Gandú, Piau, Birataia, Tamarati e Tiolândia. “Isto é madeira que dá em roça de cacau.” Agora que a economia do cacau colapsou, os donos das terras (alguns deles políticos importantes) vão fazendo dinheiro com a venda das árvores que tinham ficado da floresta original para fazer sombra para a cultura do cacau.

O desbaste do “cerrado” é coisa grave de um ponto de vista ecológico – ninguém com quem falámos ignora isso. Todos sabem que as canoas de vinhático têm os dias contados. Mas como são tão duráveis, ainda haverá canoas nestas águas por mais meio século.

Um lindo pé de vinhático fazendo sombra numa plantação de cacau para o interior de Nilo Peçanha.

O tronco com a casca característica e as sempre presentes bromélias.

As folhas da árvore são reticuladas, sugestivas da pertença à família das mimosas. As flores brancas em cacho surgem entre Novembro e Dezembro e dão lugar a uma vagem com sementes castanhas escuras com películas transparentes.

"*Plathymenia reticulata* é uma espécie decídua, heliófita e selectiva xerófita, sendo característica de formações abertas de cerrado e de sua transição para as florestas. Conhecida vulgarmente como 'vinhático', essa espécie é economicamente importante devido à sua madeira de alta qualidade e o seu uso potencial em recuperação de áreas degradadas."

Lima Braga *et al* (2007) "Germinação de Sementes de *Plathymenia reticulata Benth.* (*Fabaceae-Mimosoideae*) sob Influência do Tempo de Armazenamento", *Revista Brasileira de Biociências* 5 (2), pp. 258-260.

A altura média é entre 6 e 12 metros, mas pode ter bastante mais. Quando cresce em bosque, o tronco é alto e esguio; quando cresce solitária, tende a abrir copa com ramos mais abaixo. Chamam-lhe vinhático-do-campo, amarelinho, pau-amarelo e pau-de-canela. Com a casca faz-se um corante amarelo e da entrecasca do caule faz-se uma infusão em água fria que se usa para tratamento de processos inflamatórios.
Não é o mesmo "vinhático" ou "mogno da Madeira" que se encontrava nessa ilha atlântica e que era exportado para a Inglaterra e Portugal (*Persea indica Spern*), onde se encontram ainda frequentemente móveis antigos ditos "de vinhático". Esse último é uma planta da família do louro.

Nos últimos cinco anos, o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais) tem vindo a preocupar-se com o crescente desmatamento do cerrado, resultante da transformação em pasto para gado das velhas plantações de cacau (onde as árvores grandes da anterior floresta protegiam o cacaueiro). Já estão identificados mais de 50 pontos de desmatamento em 14 municípios da Bahia. A Delegacia da Polícia Ambiental de Ilhéus, à pala da Lei de Crimes Ambientais (Lei 9.605/98), tem apanhado nos últimos anos alguns carregamentos oriundos dos distritos de Santa Luzia, Canavieiras, Arataca, Camacã e Una que estavam a ser transportados para serem trabalhados em locais costeiros onde há serrarias.

A madeira exterior do tronco é usada para muitas outras coisas, por ser leve, muita densa e resistente. Um carpinteiro de Ituberá especializou-se em barris para envelhecer cachaça.

Em 2005 e 2006, a Polícia Federal realizou operações com a finalidade de reprimir as serrarias ilegais de vinhático que atuam no município de Camacã, no sul da Bahia. Foram presos proprietários das serrarias clandestinas, inclusive um político da região, acusados de devastar o remanescente da Mata Atlântica. Também foram realizados em 2007-8 raids policiais em Jequié, imediatamente para o interior de Valença onde, ao que tudo indica, se continuam a cortar os toscos das canoas de vinhático.

Fonte: http://www.dpf.gov.br/DCS/noticias/2006/Agosto/ 28082006 _opera%E7aoBA.htm

Segundo a polícia o material apreendido durante as rusgas é entregue a instituições de assistência. Contudo, comentadores em vários blogs têm alertado para o facto de que também esse material acaba por se juntar ao que vai parar às serrarias e estaleiros.

Em Abril 2009, o Ibama de Vitória da Conquista voltou a realizar uma operação chamada "Topo de Morro" em que apreendeu 31.571 metros cúbicos de madeira em pranchas e toras, entre estas consideráveis quantidades de vinhático.

Em Setembro 2009, o escritório regional do Ibama autuou uma serraria que comercializava madeira ilegal no bairro Sarinha, em Itabuna. O cerco vai-se fechando sobre os xaboqueiros e os transportadores que, a meio da noite, deixam ao lado da estrada os grandes troncos a caminho de realizarem sua vocação como canoas.

Fonte: http://www.nucleodenoticias.com.br/2009/04/04/operacao-topo-de-morro-acao-conjunta-do-ibama-policia-civil-de-itapetinga-e-macarani-ba/

Um grande xaboqueiro, no seu tempo mexia sozinho troncos gigantescos com a ajuda de uma corda e um par de bois. Os troncos vinham de Gandu, no interior, por rio até ao manguesal da costa. Explica como se faz um xaboque, com a ajuda de um modelo, que lá tem em casa para esse fim. Não somos os primeiros a perguntar e já escreveram uma brochura sobre ele.

Num dia de sol, canoas a serem torneadas sobre uma cama de aparas no interior do manguesal. A da esquerda é um tronco pequeno de vinhático; a da direita um grosso cedro."

Cerca de um terço da madeira do xaboque vai ser desbastada pelo torneador com a sua enxó.

As aparas vão parar às cozinhas dos vizinhos e servem ainda para preparar o delicioso camarão fumado ("defumado") que é indispensável para a boa comida bahiana.

Em Valença compramos o camarão.

No meio do fumo do defumadouro, o sinal que ajudará a vender os camarões.

Uma das filhas de
Seu Chiquito coze
caranguejo na maré baixa
para fazer 'catado'.
Os gatos vagueiam por
perto à espera dos restos.

Mãe e filha. As mulheres dos pescadores e carpinteiros gostam de fazer este trabalho aborrecido em conjunto, falando sobre tudo e rindo-se de todos."

PERIGO!!!
PIT BULL
CÃO
ANTI-SOCIAL

A BA001 continua para sul a caminho de Nilo Peçanha, onde as festas juninas têm como principal padroeiro São Pedro Quilombola – santo meu desconhecido!

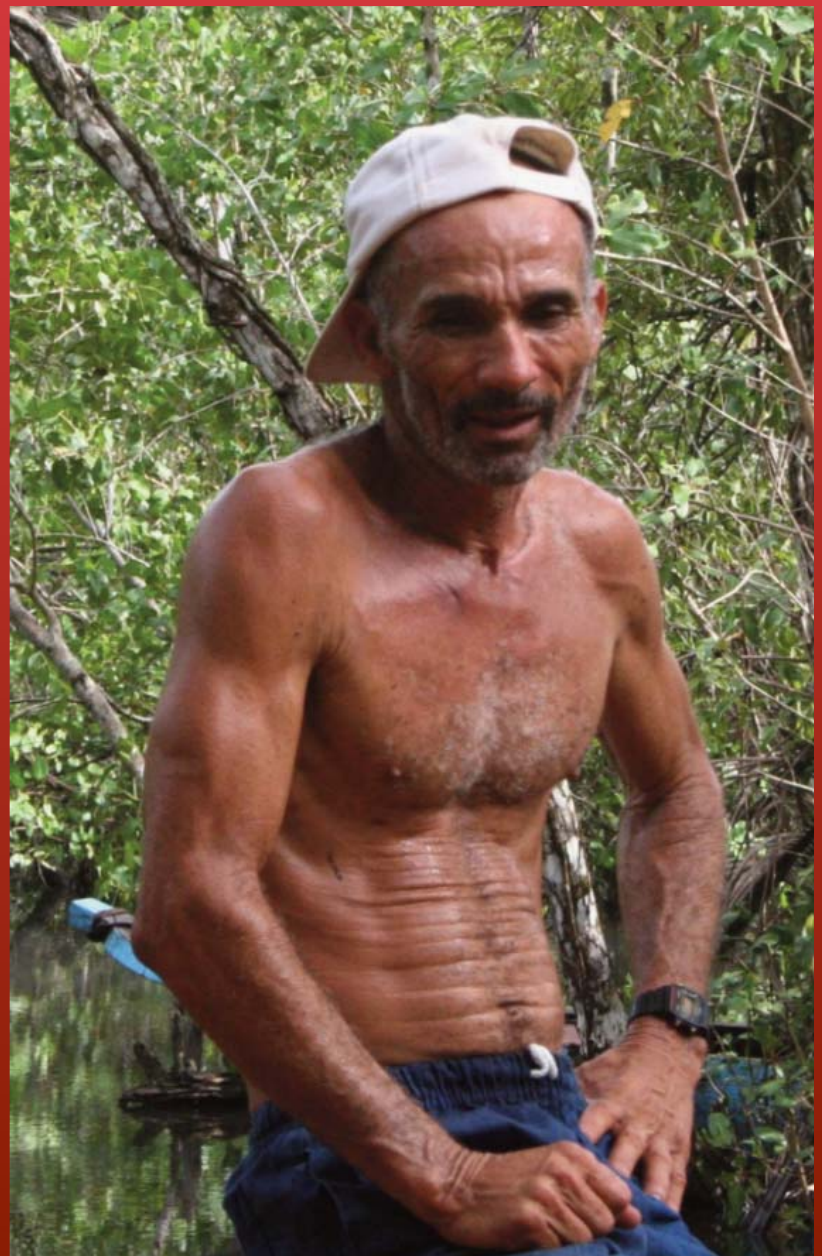
Nessas alturas em que as pessoas do manguesal vêm à vila, os vendedores ambulantes apresentam os seus produtos em cima da calçada.

Mais a sul ainda, já perto de Ituberá, celebram o S. João Baptista.

Voltar ao início

6. Seu Romão, o torneador

Nas mãos de Romão, o rude xaboque vira uma esbelta canoa através de uma técnica com raízes históricas profundas.



"A quem pertence o xaboque quando cá chega?", perguntei. Mas não há resposta clara.

O homem do caminhão tem a receber; o xaboqueiro que organizou a apanha tem a receber; os pobres bóias-frias que foram pelo cerrado a dentro – contra matos, contra cobras, por essas ladeiras esconsas a cima – têm a receber; o dono das terras tem a receber; o capataz da fazenda tem a receber; outros ainda (carpinteiros, polícias, guardas, burocratas... quem mais?) têm todos a receber.

Todos estão metidos dentro desse nexo denso de dívidas e créditos que permeia a vida dos que a si mesmo se apelidam de ‘os fracos’.

Nessa madrugada, a *galera* (parentes e vizinhos) vem ajudar o Romão a rolar a peça para a água.

Lá vem ela pelos canais a dentro – ainda inacabada, com o furo do geral aberto a meter água, grossa, desajeitada mas já canoa – ou melhor, a bem dizer, jangada é o que ela é nesse momento.

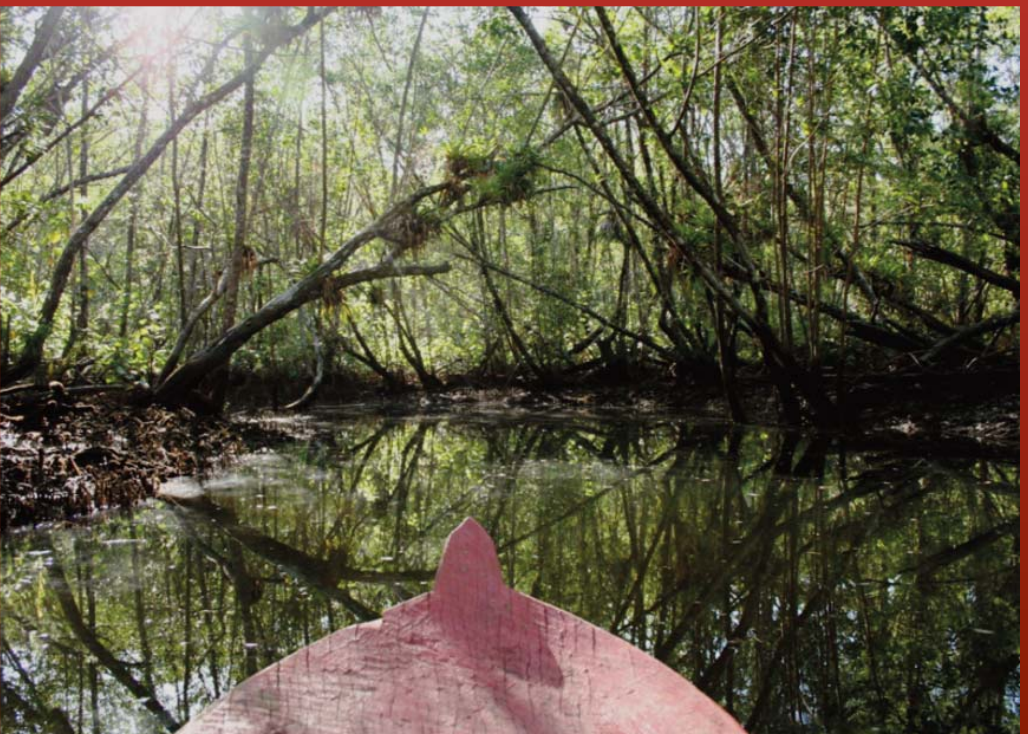
Vem até ao ponto alto da água e aí eles puxam-na para a cama de aparas deixada pela anterior.

O fumo da motoserra, o arrastar pelas levadas do cerrado, a chuva durante o transporte de caminhão, o lodo dos canais, queimaram-na. O xaboque chega ali quase preto, feio, inexpressivo.

Mas, ao primeiro golpe do machado de Romão – ainda nessa madrugada primeira – revela logo a sua verdade: amarela e límpida, como um diamante saindo da lama.

Primeira coisa a fazer: perceber-lhe as formas, avaliar das suas potencialidades. Como adaptar este pedaço de madeira tosca ao esquema espacial que conforma o que deve ser ou não uma canoa? Começa-se pelo bico.

O bico não é mera forma; é o que permite a condução da canoa. Como o fundo é cilíndrico e a proa elevada para levantar a canoa da água, é com o bico que se pode julgar dos movimentos dela. Sem ele é quase impossível conduzi-la.



Por aí, então, se começa no sentido de estruturar o que vai ser a "boca" da canoa; quer dizer, os lados entre os quais se abre o interior.

Primeiro desenha-se o bico com a enxó grande e logo a seguir a parte de cima da proa e dos lados. Só depois se esboça a popa.

A seguir, começa a desenhar-se o fundo.

O desenho da popa é feito com precisão.

Mas o xaboqueiro foi ambicioso demais! Deixou pouca madeira na proa. Fica assim, decide Romão, porque os compradores não gostam delas com remendos. Assim ao menos sabem o que compram.

O “geral” da popa tapa-se no fim com um pedaço qualquer de madeira que por aí haja. Importa pouco.

O lugar para o banco do meio e a almofada – a tira mais grossa que fica por baixo do banco e que dá força à estrutura. Num futuro, o buraco para o mastro (*carringa*) será escavado aqui.

O banco da proa leva uns desenhos geométricos para lhe dar mais elegância.

O furo serve para medir a grossura, sem isso não é possível julgar do que se pode cortar.

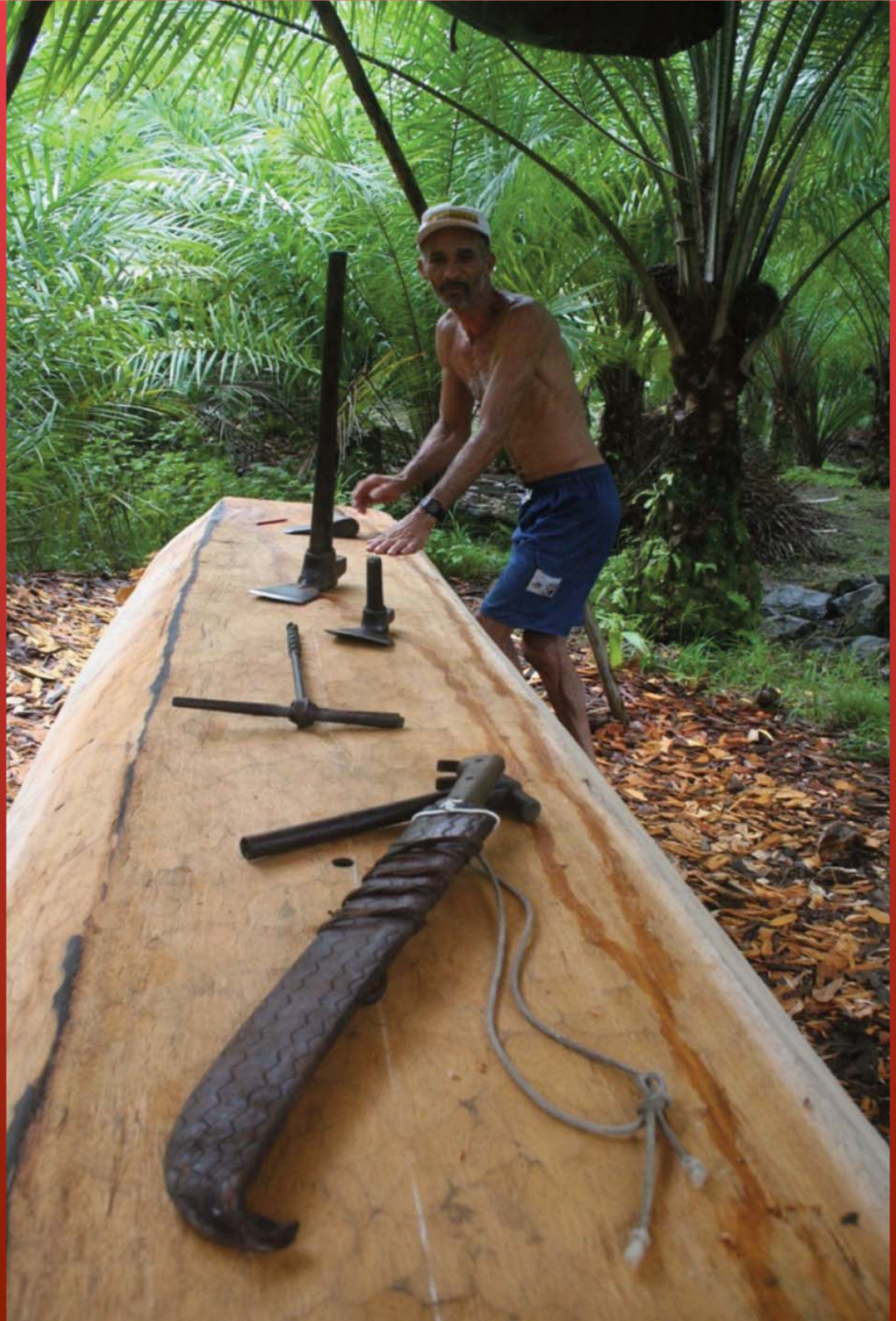
A enxó pequena bem afiada
para os trabalhos mais precisos
e finos.

Aqui Romão desenha
o formato do fundo.

Desbastar o fundo com o machado.

Ao fim de muitos anos e com muita arte à mistura,
Seu Romão usa o enorme machado com a segurança com que um calígrafo chinês usa o seu pincel.

O branco da madeira – isto é, a madeira superficial logo por baixo da casca da árvore – tem de ser tirado. É madeira fraca que vai apodrecer rapidamente.
Em alguns casos – como aqui – o xaboqueiro foi excessivamente ambicioso e desenhou a forma grande demais. Talvez a árvore não tivesse sido tão direita como seria ideal. Mais cedo ou mais tarde a canoa vai precisar de ser reparada; mas, para já, Seu Romão decide deixar uma ou outra parte do branco, porque lhe parece que se aguentará ainda por algum tempo.



Facão
Martelo
Furadora
Enxó de duas mãos
Enxó de uma mão
Enxó tipo alivião
Machado e
Lápis...

Instrumentos de uma
simplicidade surpreendente
e de folha única...

"O serrote foi inventado pelo demónio: corta para os dois lados".
O corte limpo da lâmina de folha única é o que assegura que a madeira da canoa resista sem pintura à água (assim a madeira não se empapa) e a todo o género de fungos e parasitas.

O formato genérico da canoa e a escolha do vinhático como madeira preferida estavam já lá antes dos portugueses chegarem. São presumivelmente de origem tupi que, nesta região, eram grandes canoeiros. Mas as técnicas e os instrumentos de construção que Seu Romão usa encontram as suas raízes na Europa medieval.

Cf. Wolfgang Grape (1994) The Bayeux Tapestry. Munich, Prestel.

Tapeçaria de Bayeux: construindo os barcos com os quais o Duque Guilherme conquistou a Inglaterra, no início do século XII.

Os barcos dos Normandos (de estilo Viking) eram feitos de tábuas, não de madeira escavada. Mas as enxós, os machados e as serras eram as antepassadas das de hoje. Nada disso existia no Novo Continente.

Primeiro corta numa direcção ...
golpes certeiros
e sempre paralelos.

Depois, para desbastar a madeira, corta na direcção oposta...

Depois, limpa com a enxó
de duas mãos.

Finalmente, aparando transversalmente com a enxó pequena, a superfície fica lisa e terminada, com um toque aveludado.

Depois começa-se o interior, partindo da zona do buraco, para julgar da grossura.

Cuidado! Porque a densidade da madeira não é toda igual. Por isso há que julgar com cuidado da grossura dos lados. É isso que equilibra a canoa na água. É um saber fino e, em última instância, Romão sabe fazer mas não sabe explicar.

O dono da terra, com sua cara de irlandês, passa por ali e pára para um pedaço de conversa.

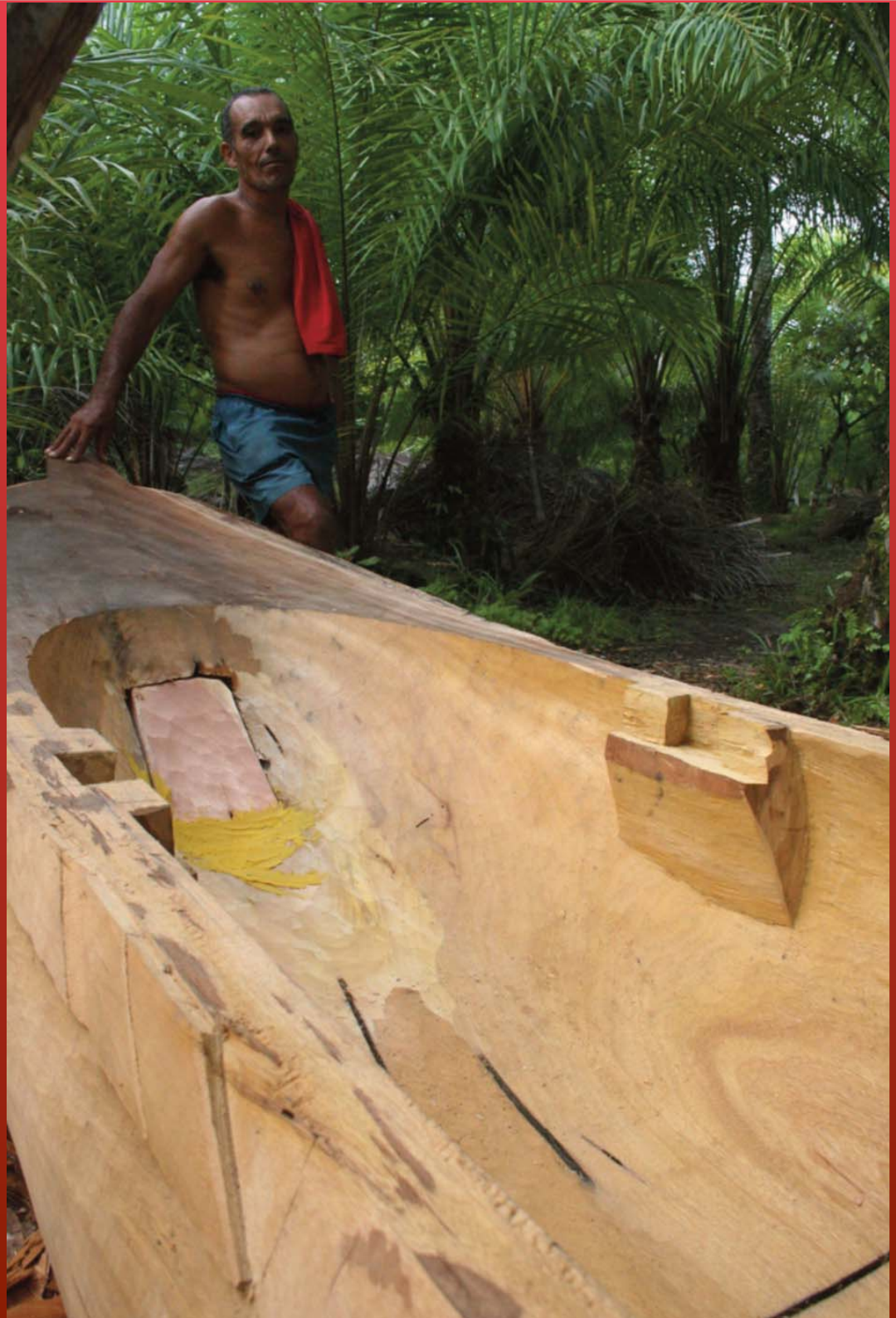
Alivião.

SENADO
Joul

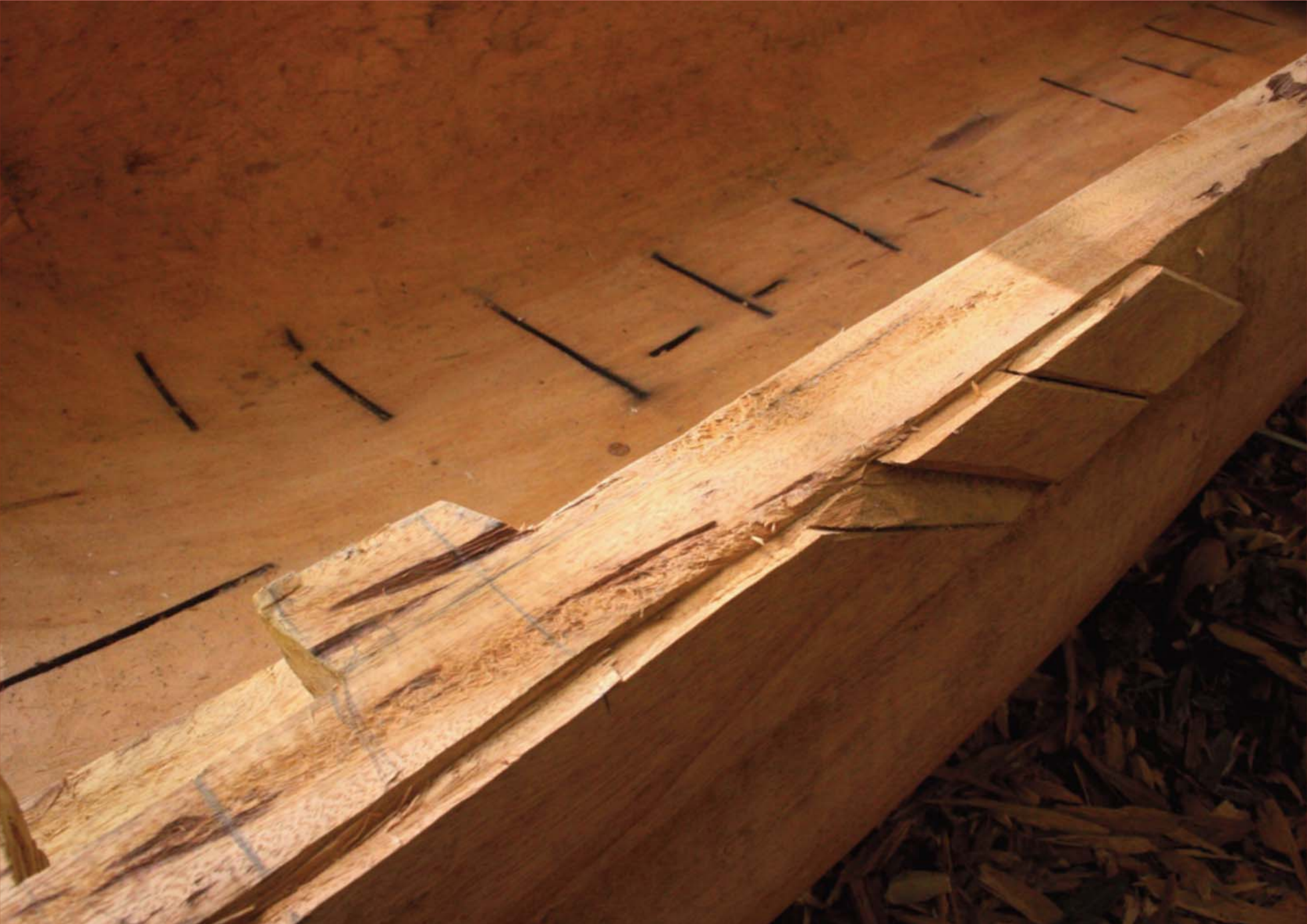
Com o acabamento da enxó pequena a madeira fica lisa e suave, com um toque que lembra camurça.

E agora fechar o geral – a madeira mole da zona interior do tronco.

Remendo do geral
da popa visto
de fora. Não é
preciso requintes.



Desenhar os “bigodes” da canoa.



Finalmente fecha-se o buraco com um toco de madeira.

Espera-se pela maré alta, quando a água entra no maguesal até à borda do estaleiro. Nessa altura, nós três conseguimos facilmente meter a nova canoa na água.

Flutuando!

No fim, o torneador baixa os olhos à altura dos lados da canoa, verifica e sorri-se, satisfeito com o seu trabalho.

A canoa flutua com os dois bordos à mesma altura da linha da água! Isto, apesar da madeira ter diferentes densidades e, por isso, das paredes serem de grossuras distintas. Tudo feito a olho e sem medidas, conforme o torneador vai aparando a madeira!

Os instrumentos da profissão.

E aí vai ela para ser entregue ao Seu Chiquito.

Arte? Sim é "arte" em mais do que um sentido.
No sentido de *arte-de-artesão*, sem dúvida. Uma arte antiga de saber-fazer; em que as velhas formas fixas se repetem num jogo de adequações a um objecto nunca univocamente repetível. A capacidade de exercer uma técnica. Por exemplo, sem análises à densidade da madeira, como prever que ela flutuará equilibradamente? E, no entanto, chegado o momento, ela flutua. O sentimento de orgulho no produto final é correlativo ao perigo do falhanço.
No sentido de *arte-de-artista* também, porque há uma procura de perfeição formal. Há um sentido do imponderável, de saber fazer sem saber explicar, de correr risco. Mas há *arte-de-artista* ainda mais noutros dois aspectos:

(i) o saber que não é preciso acabar demais; o saber julgar que, o que lá está, está bem assim como está sem ser preciso meter rebiques ou acabamentos;

(ii) o prazer de fazer o trabalho bem feito; o sentimento de que vale a pena, apesar de se ganhar mal, fazer aquilo e não outra coisa.

No ano seguinte, mal eu cheguei, Romão levou-me a ver a canoa que acabara de tornear. Era, realmente um primor: um tronco perfeito de vinhático de 8,5 metros.

Ele aprendeu a arte com um artesão mais velho, para quem trabalhou durante mais de um ano sem ganhar nada. Até que um dia o homem arranjou dois troncos e deu um só para Seu Romão trabalhar. No fim, comparou e disse: "Pronto, agora 'cê já não precisa de mim, não. Pode fazer sozinho".

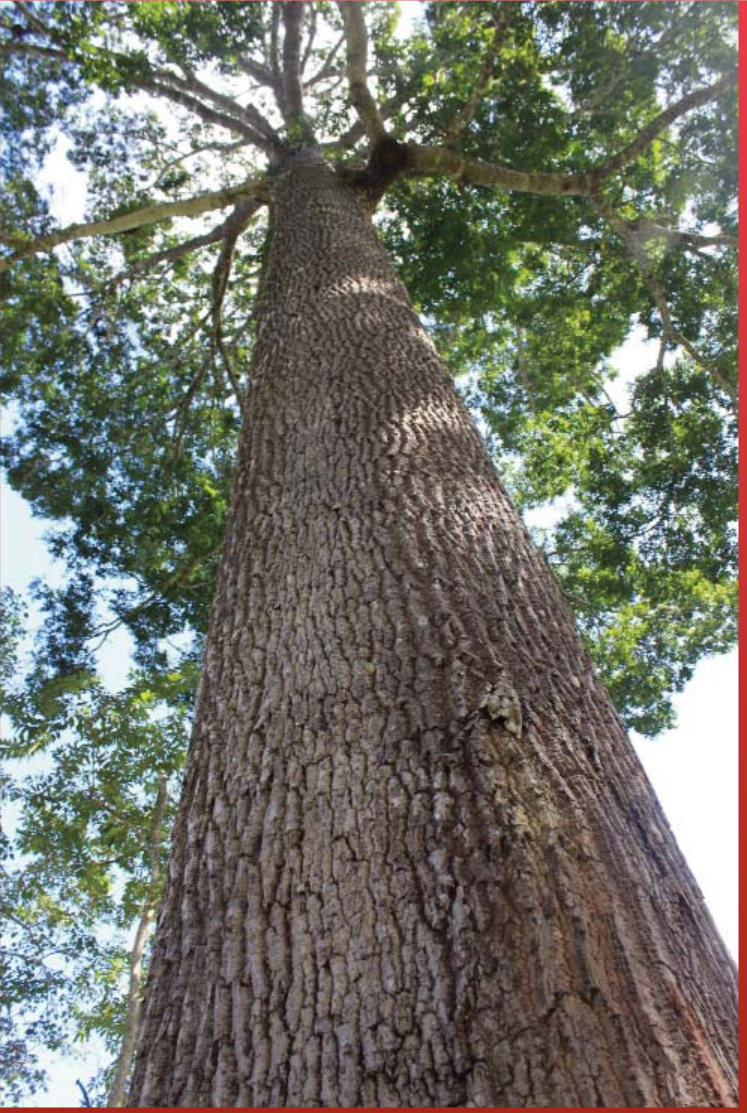
Isso foi na época que Marlene veio viver com ele e tiveram o primeiro filho dos dois. Nessa altura, ele sabia que ia ficar por ali e quis ter um ofício que lhe agradasse mais do que o trabalho de catar dendê que fazia até aí e que era muito perigoso e desgastante. Precisava de algo de mais seguro.

Agora, porque a madeira começa a rarear e ele está a ficar com problemas de ossos, está a pensar em voltar às artes da pesca.

Marlene com a sua netinha querida. Grande cozinheira, confirmo.

Para além disso, ultimamente, tantas vezes, a madeira que lhe entregam não faz jus ao trabalho.

Com alguma ciência, quase todas as falhas no xaboque são reparáveis.



Aqui está um cedro verdadeiro (*Cedrela*) parecido ao que Seu Romão usou para fazer uma canoa para si mesmo. Quem mo mostrou foi um velho xaboqueiro agora reformado. Está velho e não tem força já para esse tipo de trabalho, que é muito escravo e cada vez mais perigoso. Conforme viajávamos pelos estradões vermelhos de terra batida (as "variantes") lá para o interior das colinas que separam a costa do cerrado, ele ia-me comentando as árvores maiores uma a uma. "Depois dessa curva aí da estrada havia dois cedros grandes ...", e lá vem mais uma história. Conta histórias detalhadas – às vezes tristes, outras vezes cómicas, outras vezes heróicas – do que se passou aqui e ali, em lugares que eu próprio teria dificuldade em identificar mas onde existiram árvores que marcaram a sua vida e onde agora já só existem arbustos.

Quem ajudou Romão a transportar o seu tronco foi "o pessoal" – os amigos e parentes ali da vizinhança que, mesmo quando ele não pede, aparecem sempre quando ele precisa que o ajudem a virar mais um xaboque.

E aí está o tronco lindo de cedro verdadeiro que arranjou para si. Chiquito já lhe tinha dado duas canoas, mas eram pequenas, não gostou delas. Esta sim é a seu gosto. Com ela voltará paulatinamente à arte da pesca com as armadilhas que ele próprio fabrica.

A caminho da coroa para serem armadas ...

As esteiras são feitas com o talo duro exterior da folha do dendezeiro e atadas com fibra de piaçaba. São estas mesmas esteiras que, montadas em pé na lama, funcionam de armadilha para o camarão.

A canoa que está a fazer para si, chamar-se-á, quando a inscrever na Colônia (o sindicato dos pescadores)

Canoa dos Amigos

Foram eles que o ajudaram. Por isso, a mãe dele prometeu que, no dia em que ela for à água, compra dois foguetes para deitar!

Voltar ao início

7. A vida da canoa – Seu Chiquito

Seu Chiquito, compra e vende

Essa aí foi a primeira canoa de Seu Chiquito. Seu pai lha ofereceu há mais de trinta anos. Ela já foi sua três vezes mas agora pertence a um vizinho.

"Para mim, Chiquito é gente boa. Eu preciso de alguma coisa, vou lá. Me ajuda" – diz Seu Romão. Entre os dois há encontros e desencontros mas há uma co-dependência antiga.

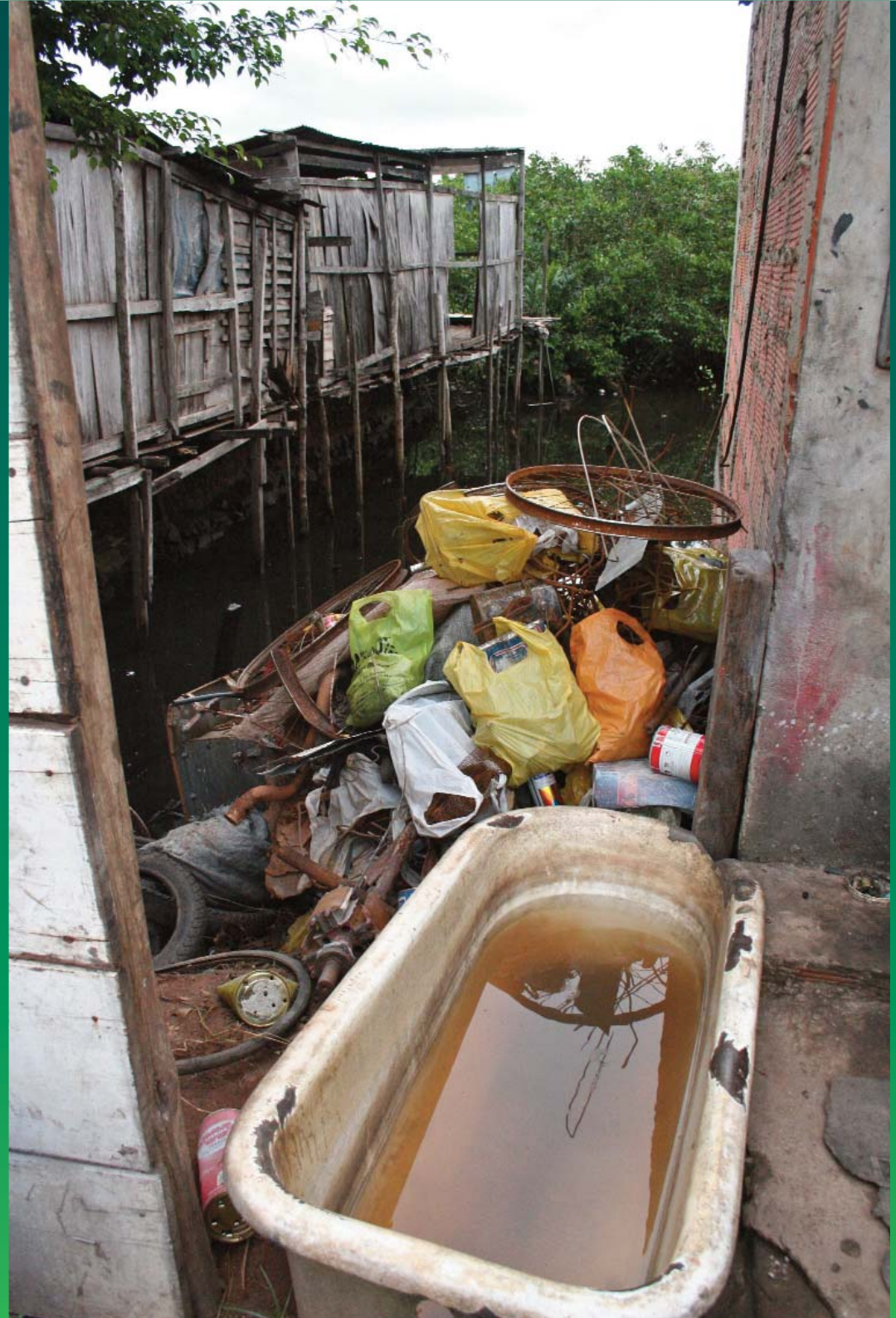
Seu Chiquito fala pouco, fala baixo mas fala com precisão.
Na verdade, Chiquito sussurra com um sorriso gentil que é mais de olhos que de boca.
Sua vida, assim nos disse, foi sempre a ver com mar. A ver com pesca e com barcos.
O negócio que faz com canoas é um produto secundário das suas actividades marinhas. Transporta canoas para o Recôncavo quando sabe de alguém que quer comprar; mobiliza os serviços de Romão quando alguém tem um xaboque para tornear.

Esse é o barco de Chiquito, que o distingue por ser o maior das vizinhanças.
Chiquito é um navegador seguro e experimentado.
Sai do manguesal pelo Canal do Morro de São Paulo e vai por mar aberto até à Baía de Todos os Santos.
Lá fora, no mar, ainda é possível pescar bastante peixe.

Chiquito teve várias mulheres, com as quais teve mais de 12 filhos que sempre ajudou a criar. É um pai distante mas responsável. Agora vários deles e delas moram ao lado de sua casa, no interior do manguesal. A sua actual esposa não tem filhos biológicos mas criou um sobrinho na bonita e simples casa que partilha com Chiquito.
Vive lá também um filho dele. Também ela, tem vários negócios com os quais vai fazendo um pé de meia.

Mulheres em Coqueiros, no Canal

Herdou umas artes de pesca no Canal (a zona de água aberta entre as ilhas e o manguesal costeiro) que explorou durante muito tempo, mas agora está a render menos peixe. Já não lhe vale o investimento, porque a pesca no Canal diminuiu muito. Segundo dizem os pescadores, por causa da poluição causada pela criação em massa de camarão para os lados do Guaibim e pelo crescimento da cidade de Valença.



O que resta de um canal de manguesal no interior do Bairro do Jacaré, Valença.

Artes de pesca feitas de talo de folha de dendezeiro e corda de piaçaba secando em Torrinha, à espera de serem montados na lama na próxima maré baixa.

As poupanças que vai fazendo, Chiquito vai investindo ajuizadamente. Agora compra uma canoa, logo a vende, depois arranja um xaboque, paga a Romão o trabalho e revende a canoa fazendo algum proveito.

Aqui temos uma canoa que Chiquito tinha à venda em 2007 protegida por uma esteira de talo de dendezeiro, à espera de comprador.

As margens de lucro são baixas – entre o que paga a todos os intervenientes na obtenção de um bom xaboque, mais o que paga a Romão e os gastos de transporte, pouco fica no fim.

Mas Seu Chiquito é um negociante seguro tanto quanto um calmo e paciente pescador.

Xaboque – c. 1 500 Reais.
Preço do torneador – c. 400 Reais mais favores
Venda – c. 6 000 Reais.
dependendo de vários factores.
Segundo Romão, essas eram mais ou menos as contas da canoa que primeiro encontrámos, nesse dia em que Cafú nos levou a ver o xaboque.
Talvez estivesse a exagerar um pouco no lucro, porque isso não incluía agrados, transporte, depósito, crédito a quem a compra (com todos os riscos que isso comporta).

E aí está ela prontinha, movida pelo filho mais velho de Romão.
Por essa altura, já tinha comprador apalavrado.
Contrariamente ao negociante de Baiacu, Seu Chiquito não tem nome de explorador na vizinhança. Quem sabe, por isso, é menos rico.

Um cliente quer uma canoa mais larga e estável. Seu Chiquito pede a Pônia e Chico para cortarem uma canoa, meter-lhe uma tábua no meio, levantar os lados e fazer uma nova proa e uma popa elevada. Já não há troncos grossos como antigamente, por isso, agora, é assim que se obtém uma canoa maior.

É um jogo de precisão que depende da força dos punhos. Nem todos têm a força de Chico com uma pesada motoserra na mão. Especializou-se em trabalho de xaboqueiro – tirar o interior do tronco e fazer as formas gerais da canoa com uma motoserra. Mas, quando há precisão, também se presta a estes serviços que exigem uma mão absolutamente segura como a sua e uma força descomunal.

A tábua grossa de cedro para meter a meio da canoa também é cortada a punho com a motoserra do Chico em frente à casa dele, montada numa placa de cimento, já sobre terreno de maré.

Aí passa essa canoa, uns meses depois, já restaurada de novo e pintadinha. Foi difícil fazer a proa nova. Todos querem mostrar-me, porque estão vaidosos.

Uns anos depois, pousada sobre a lama da maré baixa em Valença, ficará assim. Menos elegante, talvez, mas muito útil. Esta voltou há pouco, o isopor cheio de peixe.

E volta a partir para mais uma jornada.

Esta canoa foi cortada a través, ficando mais curta. Fizeram-lhe uma nova popa com duas tábuas sólidas e reforçaram-lhe os lados.

O trabalho é árduo, sim, mas a galera ri-se muito, brinca muito uns com os outros e, nos intervalos, a "dominguinha" sempre ajuda. Diz-se assim porque, quando a gente bebe cachaça, todos os dias são Domingo!

De facto, nem Chiquito nem Romão bebem cachaça. Faz-lhes mal no dia seguinte. Agora uns copitos de cerveja sabem sempre bem!

E logo a labuta continua ...

As canoas vão mudando de mãos durante as suas longas vidas ao sabor das vidas atribuladas dos donos. O ideal de um pescador é ter sua canoa.

Mas... boa parte das mais de 100 canoas que saem de Baiacu para a baía, porém, não pertencem aos marinheiros mas a donos, que as disponibilizam.

Seu Bertinho – comerciante local, que não sai para o mar – tem mais ou menos vinte canoas em circulação. Pinta-as cor de abóbora, para as distinguir, assim como às portas dos barracos onde guarda as suas redes e as suas alfaias.

Assim se divide, então, uma pescaria em Baiacu (em Cajaíba a pesca é mais individual):

Quando a canoa chega, tira-se logo os quinhões para comer; um para cada tripulante. O resto vende-se e o resultado é dividido desigualmente, dependendo das funções.
Quem vende é o mestre e ele fica responsável pelas contas; excepto, está claro, se houver um pescador com mais jeito para negociar, em cujo caso o mestre subdelega.
Como quem compra o peixe demora a pagar, só aí uns 5 dias depois é que o mestre está em condições de distribuir os proventos.

10% é para o dono da canoa; 20% para o dono das redes; o resto é dividido pelos pescadores – a taxa não é fixa e é difícil saber como é que sai de cada vez, porque depende de muitos factores. O mestre recebe sempre mais, está claro.

O preço do peixe também é muito variável: um peixe que hoje custa 2 Reais pode vir a custar 15 Reais umas semanas depois. Depende tudo ainda da quantidade de peixe apanhado: 15 baldes já é coisa boa.
Em suma, uma pescaria vai acabar por render entre uns 70 Reais e uns 200 Reais, se tudo correr bem. Quer dizer que, na opinião de Seu Otávio (porque, nestas coisas, não há contas precisas – os factores são excessivamente variáveis), um pescador passa um dia fora para ganhar, no máximo dos máximos, e com sorte, uns 20 Reais.

Se pensarmos que as quantias que passam pelas mãos da maioria dos pescadores são desta ordem, vemos como é difícil ganhar para ser dono de uma canoa. Tendo trabalhado um pouco para alguém na cidade, ou feito uns arranjos quaisquer em alguma parte, poderá acumular-se aí uns 500 a 1000 Reais. Com isso já dá para começar. É que o preço de uma canoa depende de muitas coisas.

Uma grande (12 metros em boas condições) pode custar 7000 Reais. Mas as coisas raramente se contam assim. Por isso até, quando Manuel de Baiacu ou o Seu Chiquito de Cajaíba demonstram dificuldade em dar-me cotações claras, não é desconfiança deles.

É que, realmente, entre o que se paga logo e a forma como se paga o resto, há todo um mundo de complexidades. Para além da difícil avaliação de cada aspecto singular da canoa e das artes da pesca. Se o dono se atrasa nos pagamentos – e a tentação é grande – a canoa retorna ao intermediário e o dono perde tudo. Basta mandar uns homens desprende-la do mourão e levá-la para longe. O que já foi pago fica perdido. É tudo uma questão de "força" e o pescador é "fraco".

Mas, nestas coisas, não é comum deixar que o assunto chegue a tais extremos. Conhecem-se todos; há espaço para mediação. Está tudo no negociar e o pescador que se atrasa na prestação, no fim, só tem que pagar mais para não perder tudo; porque esperar que alguém devolva o dinheiro de pagamentos já efectuados ... Isso seria esperar demais!

Essa aí, novinha em folha, veio de Cajaíba para Baiacu uns meses antes. O actual dono pagou um tanto e depois ficou a dever mensalidades ao intermediário que organizou o negócio – entre 50 e 100 Reais ao mês é comum.

Elas têm bigodes mas são pouco pessoalizadas, ao contrário de tantos barcos por esse mundo fora. Mesmo assim, muitas delas chegam a ter nome.

Umas vezes, por capricho do dono, outras vezes por necessidade, porque é exigido pôr-lhes nome quando são inscritas na Colônia (o sindicato pesqueiro, que tanto apoio dá esta gente).

Ao fim do dia, o poente combina-se com as luzes amarelas do cais em Itacaré.

Essa primeira chama-se "Celebridade", explica o dono orgulhoso. É que ele não é famoso, mas ela é, porque saiu numa foto da revista *Veja*.

Parece que o dono desta já estava desiludido antes mesmo de se ver obrigado a vendê-la.

Luziana - o nome da filha

E este, em Salvador e à chuva, quer lembrar-se de toda a família. Na canoa por trás, porém, anuncia-se para os estrangeiros interessados o número de celular da agência de viagens do dono.

Estas três já são velhinhas, já passaram por muitas mãos, mas continuarão a servir por muitos anos.

Por vezes, à primeira vista, parece até optimismo excessivo.
Mas não, ninguém perde o seu tempo e os seus meios para algo que não valerá a pena.
Ela voltará à água por muitos anos ainda.

Voltar ao início

8. Salinas – Uma alternativa moderna?

Um conhecido em Salvador disse-me que havia quem fizesse moldes de canoas de vinhático e as reproduzisse em fibra de vidro. Fomos procurá-las em Salinas da Margarida – no Recôncavo, por trás da Ilha de Itaparica, onde o Seu António faz canoas de fibra de vidro há 18 anos. Tem dois estaleiros, na cidade e em Conceição de Salinas, do outro lado do canal.

De profissão mesmo, diz ele, é especialista em garimpo, mas aprendeu a fazer canoas de fibra em Tocantins. Quando decidiu voltar à terra, continuou a fazê-las. Durante cerca de seis meses ninguém quis comprar, mas quando foram pescar com ele e viram como elas se aguentavam bem, aí começaram.

Ele fabrica-as como lhe apetece e depois deixa-as a boiar na praia, mesmo em frente ao atelier. Aí, as pessoas vêem e acabam por ficar tentadas e comprar. Os pescadores gostam delas, porque não apanham busano – "Depois da pesca, em vez de terem que ir limpar a canoa, podem ir tomar uma cervejinha!" Mais ainda, o tratamento contra o busano chega a custar 400 Reais.

"Puum!!"
Salinas é um pacato porto de pesca. Tem dois hotéis que ficam vazios fora da estação. Agora que as salinas estão desactivadas pouco mais emprego há que o da pesca.

Essa sexta feira de fim de Julho era dia de festa – à saída da missa, os foguetes ecoavam no areal da maré baixa.

Celebravam-se os “Cinquenta anos da Independência de Salinas”... como município, bem entendido.

As novas canoas de vários formatos misturam-se na praia com as canoas de vinhático ("canoa de rio").

Seu António faz canoas de rio com moldes que tirou de canoas de vinhático. Tem um molde de 8 metros e um de 9. Mas os clientes, aqui, preferem canoas de fibra por causa da quilha, já que nesta zona da Baía a água é funda.
O problema é que esses formatos aí têm patente e ele já tem três processos com reclamações de patentes.
Espera poder contornar a coisa, senão o negócio deixará de ser viável.

As novas canoas têm muitos aderentes em Salinas. São mais baratas e práticas. António vende uma “canoa de rio” de 8 metros por entre 3 mil e 4500 Reais, dependendo. As maiores, nos formatos com quilha que levam motor, raramente custam mais do que 6 mil ou 7 mil Reais. Quer dizer, uma canoa inteira, com motor e tudo, fica aí por uns 10 mil Reais – sendo que as maiores que ele faz chegam a custar 20 mil Reais.

Mas as velhas canoas de vinhático não desapareceram – de jeito nenhum! Essa aí ainda está nova e terá custado ao dono facilmente mais mil ou dois mil reais que uma canoa de fibra acabada de fazer.

Essa é cuidada com muito carinho. Está pintada com as cores de Exú – diabo... mensageiro dos deuses... protector das encruzilhadas. Com duas velas de traquete, é veloz, segura e fácil de manobrar.

Em frente ao atelier, as canoas esperam comprador. “Isto aqui não se compra a pronto; as pessoas não têm dinheiro.”

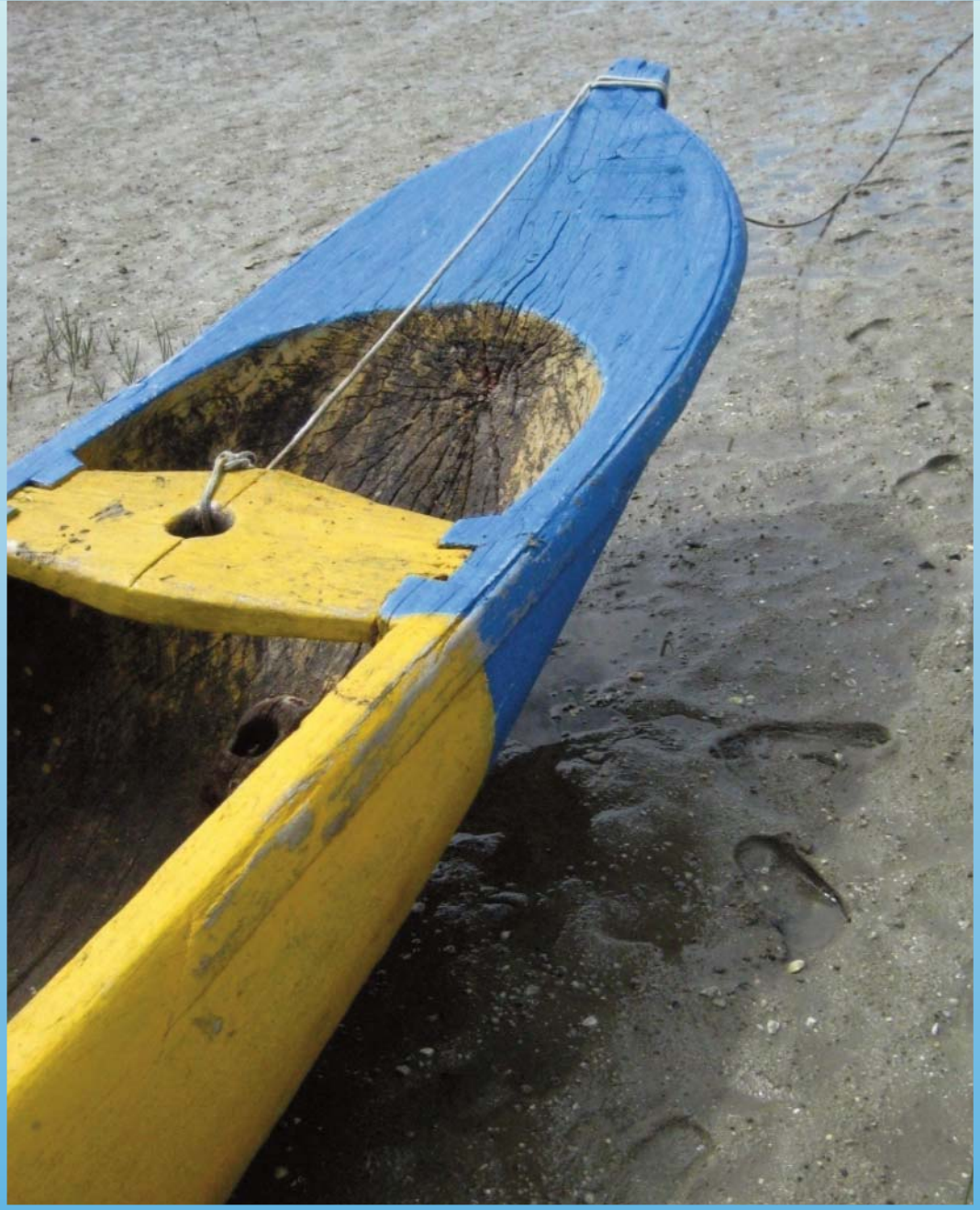
Seu António combina o preço com o comprador e depois o pescador “vai botando dinheiro para a caixinha, sempre que tiver algum.” Ao fim de um ano, ano e meio, leva a canoa com ele. De qualquer forma, se é para dar de comer aos filhos, tem que ter uma canoa, porque não há outra forma de ganhar dinheiro por aqui. O barqueiro que faz a travessia para Conceição deu-se bem, já lhe comprou três.

O atelier: diferentes tipos de canoa em vários momentos de fabricação.

As canoas têm uma caixa de ar na proa e, no caso das canoas de rio, também na popa. A caixa de ar é cheia de garrafas de refrigerante fechadas, para boiar, e depois é selada.

O fundo é duplo e tem cerca de 5 cms. Põem cimento nele, “para não torar” quando o mar bate.
Se não as reforçasse, o mar podia parti-las. As dele não partem, mas já aconteceu um *scooner* de fibra partir a meio com o mar.
As madeiras que usa para os lados são madeiras de lei e têm que ser boas.
É que, são as madeiras que funcionam como estrutura para o barco não dobrar.
Os lados delas vão ficando mais finos para cima; no fundo, levam 8 ou mais demãos; no bordo levam para aí umas cinco.

Esta aqui é uma das canoas de rio que ele fez a partir do formato das canoas de vinhático. Tem oito metros de cumprimento e está a ser usada activamente para a pesca há mais de um ano.



Parecidas – mas falta à de fibra alguma da elegância da abertura do bico de pato da outra. Faltam os bigodes e o friso aerodinâmico.

No interior do manguesal, onde pode haver troncos cortados escondidos na lama, são menos seguras que as de vinhático.

Mais fácil de reparar, o material também é mais frágil que o vinhático. Sobretudo, não se molda à mão humana da mesma forma.

Quem a usou, assegura-nos que ela se comporta mais ou menos da mesma forma que a de madeira.

O fundo é duplo e com estrutura de cimento e o reforço central da "banqueira" continua ainda a servir para escavar a carringa que segura a vela.

Aqui os lados não podem ser furados, como nas de vinhático. Fazem-se furos verticais na estrutura lateral de madeira para segurar o cordame.

Ao longe, quem as distingue?

Em Ituberá também estão a fazê-las e, quem sabe, até mais elegantes que as de Seu António em Salinas.
Mas, com um formato tão esbelto, serão mesmo seguras face ao poder das ondas?

O dono desta não resistiu a reproduzir o desenho tradicional dos bigodes. Existirão razões para isso das quais não fui informado, apesar de ter perguntado tantas vezes?

Os estilos diferentes de canoa coabitam hoje num regime de uso em total continuidade com uma *longue durée* que vai buscar as suas raízes nas populações tupi-guarani que ocupavam a costa no século XVI.

Há quem insista em chamar-lhes 'angolanas' porque parece que, lá do outro lado do Atlântico de onde vieram os escravos, também há canoas de rio com um formato semelhante.

Há, apesar de tudo, quem ache que continua a valer a pena reparar os velhos toros de vinhático.

Este velho gigante aqui, com cerca de 1,5m de largura na zona central, já teve um motor e dos grandes.

Apesar do estado em que se encontra, há esperanças de que volte às fainas marinhas.

Uma enorme moreia, assinala o simpático pescador.

Navegando no manguesal
que voltou a crescer
nas velhas salinas
abandonadas.

Algumas das salinas foram transformadas em viveiros de camarão – negócio de grande monta.
Os pescadores protestaram e, há uns anos, ocorreram mesmo umas mortes suspeitas. O velho rasto da violência na resolução de conflitos entre "fortes" e "fracos" na Bahia...

SAMBAQUI

Para o interior, frente ao canal da Ilha, um pescador prepara os munzuá que irá montar no manguesal logo que a maré suba, dentro de cerca de duas horas. A jangada de bambu será arrastada pela canoa de vinhático.

Quanto mais tempo ainda a canoa de vinhático?

Voltar ao início

9. Canoas como média

Aqui se fala das canoas como instrumentos de mediação com o mundo
– extensões da mão do homem.

A acção humana pode ser vista sob três aspectos:

- o aspecto *poético* – quer dizer, a nossa capacidade para sermos livres, para agir, para fazer;
- o aspecto *formal* – quer dizer, a nossa sujeição a coisas e forças que nos são externas;
- o aspecto *medial* (i.e. os "média") – quer dizer, os meios que procuramos para agir sobre o mundo, para mediar a contradição última entre liberdade e necessidade.

Uma canoa é um média (no sentido inglês de *media*, que os brasileiros dizem "mídia") – isto é, uma canoa é uma potencialização da nossa capacidade de intervenção sobre o mundo.

Uma amiga contava-me como, em criança, eles eram muito pobres. O pai tinha uma canoa em Taperoá e ia à pesca. Morreu cedo. A família dissolveu-se com o recasamento da mãe. Ela própria foi criada por parentes.

Vai lembrar-se para sempre do pai com muito carinho. Às vezes, quando se sente sozinha, chora pensando nele. Em criança, ficava o dia inteiro a brincar na rua com o irmãozito, perto de casa, porque não havia comer. Os dias esticavam-se penosamente, prevendo a alegria que os invadiria quando vissem o vulto do pai atravessar o terreiro ao fundo, com o peixe na mão.

Com uma canoa um homem pode dar de comer a outras pessoas e, dessa forma, assegura-se da continuidade da relação de amor que tem com elas. Ter uma canoa ajuda-me a ter uma mulher, filhos e netos – pessoas que me ouvem, me respeitam, me confortam.

TARAJARA

A sociabilidade diurna dos amigos e vizinhos (o *pessoal*, a *galera*) tem por fundo a incompletude de todos precisarem de um lugar para onde ir ao fim do dia.

A canoa é a esperança de transformar a minha liberdade de fazer em coisas que, passando a não ser eu, se reflectem sobre mim: comida que dá vida a outros; casa que nos protege; uma televisão; uma viagem de ónibus para levar uma criança a um hospital; o relógio do avô que a miudita tanto pede para usar.

Criar um bébé com a ajuda divina: um filho, um neto, um sobrinho.

A pesqueira de Chiquito no Canal

Quando eu ajo sobre o mundo, eu sei onde começa a minha acção, mas nunca sei onde ela vai acabar. Há uma enorme ambiguidade nos média. Eles têm um poder expansivo.
Com uma canoa eu posso montar armadilhas para peixe; apropriar-me de parte do manguesal, que os outros pescadores respeitarão, sabendo que está a ser usado por mim.

O próprio manguesal responde ao meu gesto poético, ao meu poder criativo. Mas se eu não o souber respeitar, o poder criativo da canoa e do facão com que o exploro, tornar-se-á destrutivo. O gesto de mediação, uma vez iniciado, ficará para sempre irreversível, ambíguo e só parcialmente previsível – para o bem e para o mal.

Conheci em Ponta Grossa um homem de alcunha Mero Peixe, porque uma vez vieram tantos *meros* (peixe caro) à sua rede que a canoa teria afundado se os trouxesse todos. Pagou logo ali tudo o que devia e foi viver para Salvador por uns anos.

Conheci outro em Torrinha que, tendo carregado pedra para o piso da sua nova casa, foi apanhado por uma tormenta no meio do Canal. A canoa afundou e ele ficou perdido, mas depois ela voltou a cima por ter largado as pedras no fundo. Não conseguiu virá-la, mas agarrou-se a ela a noite toda e está aqui hoje para contar a história.

Um dia, TODOS os caranguejos do manguesal em torno a Cairú morreram.Talvez por causa dos viveiros modernos de camarão em Guaibim ... Muita gente sofreu muito; ninguém foi compensado por nada.

A canoa prolonga-se nas armadilhas de verga que o meu filho faz para mim; no marisco que a minha mulher pega na maré baixa; no dinheiro resultante da venda do produto; na secagem do camarão; no cozinhar da comida; no dar à luz filhos que virão a ser meus na medida em que, com a canoa, eu lhes possa dar de comer.

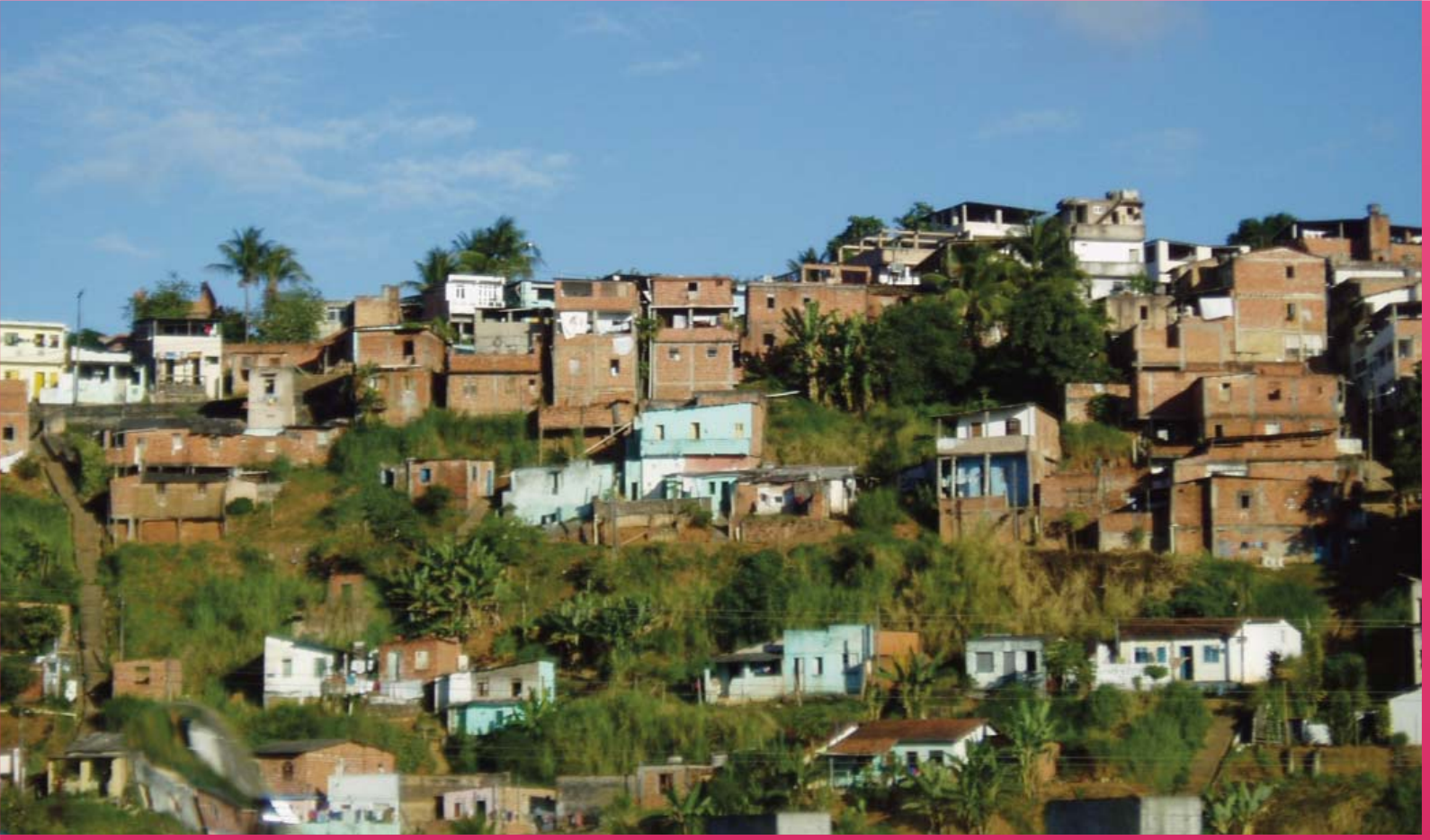
A canoa liga as pessoas ao mundo, por isso também liga pessoas.
A mediação reflecte-se sem fim, não só nas coisas como nas pessoas.
E, na mesma medida em que o resultado da acção sobre o mundo não é previsível, também não é quando se reflecte sobre pessoas.

O meu corpo, o meu ser, adapta-se ao instrumento numa continuidade inconfundível. Quem aprende em criança a andar em pé nos lados de uma canoa de fundo redondo – como esse aí – nunca mais esquece como é que se faz. Só mesmo de muito jovem se aprendem essas coisas.

Um dia, por velho demais, talvez venha a cair à água... A canoa tem que ser servida – o homem está preso a ela com uma espécie de fidelidade servo-mecânica. Quem não servir os seus instrumentos será ferido por eles. A canoa é tanto uma porta para a vida como para a morte.

Eu tenho que pagar a canoa. A evolução dos preços das canoas acompanha a evolução dos outros preços todos, num nexo local segundo o qual, sendo o capital escasso, o trabalho nunca chega para pagar o que é devido. Ainda antes de ser pescado, o peixe já pertence ao credor. Quando peço aos pescadores para me venderem o seu peixe, explicam-me que não podem; já está apalavrado.

Canoas velhas e novas – à espera de comprador.



Invasão nos subúrbios de Salvador

Tão resistentes, e com uma vida activa superior em média à de um homem, as canoas são, afinal, efémeras, fugidias, ambíguas. Estão constantemente a mudar de mão e raramente chegam a ser totalmente pagas. Num primeiro momento, elas oferecem liberdade ao pescador; mas, porque urge pagá-las, também coarctam a sua liberdade. Diz Seu Otávio: "A pesca é um quebra-galho!"

Mais cedo ou mais tarde, um homem jovem vê-se na necessidade de se libertar da sua canoa e ir para a cidade à procura de emprego assalariado, para poder adquirir o que só o dinheiro compra.
E, como insistia K. Woortmann, no nordeste, "a proletarianização e a escravidão se fundem e se expressam pelo cativeiro" (1990: 14).

Muro de cela na cadeia de Valença.

O que fascina nas canoas é o elemento poético – isto é, os dotes artísticos e técnicos dos homens; mas finalmente o que se revela é o rigor do elemento formal – isto é, o dinheiro e as coisas que com ele se compram, que não são dispensáveis para ninguém e que acabam por ser perigosas.

Graciosa – casa construída num banco de piassava e lama, entre a estrada e o manguesal.

Em que sentido, então, é isto tudo uma economia informal? Num certo sentido burocrático há, de facto, uma ténue fuga ao controle do aparelho administrativo estadual. Mas se nos perguntarmos que é que permite essa fuga logo veremos que é o facto do manguesal ser um bem público. O Estado abre um espaço de liberdade à gente "fraca".

Nas cidades, a subsistência depende do acesso ao dinheiro – por pouco que seja – e isso depende do acesso ao trabalho remunerado. No manguesal, parte da subsistência está assegurada pelo manguesal. Isso constitui uma margem de liberdade; uma forma de respirar fundo para quem, de outra forma, se vê obrigado a depender do cativeiro que é o trabalho assalariado não qualificado.

Interior da mesma casa de sopapo (Graciosa, Taperoá)

O que é a "subsistência"?
Os meios que permitem a vida.
Onde estão os limites desses meios? Como todas as mediações, esta é vaga e alastra-se.
Como sobreviver sem qualquer acesso a bens de consumo mediados por dinheiro?
Impossível!

... o bilhete de ónibus
... o relógio
... a máquina de barbear

Mais cedo ou mais tarde o dinheiro impõe-se por via do desejo de melhorar as condições de vida.

A sujeição ao poder formal do capitalismo está inscrita tanto nas emoções/desejos das pessoas como nas qualidades intrínsecas dos bens tecnicamente produzidos – aspirinas, redes, motores, desinfectantes, programas de televisão, tomates... etc., etc.

A modernidade é inescapável e irreversível – pelo que a entrada no mundo capitalista é também irreversível.
A casa que agora ameaça ruir foi construída em volta a um lindo sofá.

Modernidade e tradição coabitam sem cesuras visíveis no porto de Valença.

Como no porto de Salvador em frente ao Forte de São Marcelo.

No manguesal, o pescador e a marisqueira obtêm por seu próprio esforço alguns meios de subsistência que lhes permitem resistir ao cativeiro que representa o trabalho assalariado não-qualificado.

Já sempre alguém cobiçou tudo o que eu possa querer ter.
Que (ou quem) é que permite ao pescador e à marisqueira o acesso ao manguesal?

Em 2005, o Bóia Fria (assalariado rural) está claro, perdeu as eleições em Ituberá. É caro convencer os eleitores.

Mudança de casa numa canoa na foz do Rio das Contas, Itacaré.

O manguesal é um bem público, tal como ainda é o mar. É a disponibilidade destes que permite aos “fracos” encontrarem pequenas janelas de liberdade para fugir por períodos ao poder formal avassalador do capital. O Estado brasileiro é, afinal, o garante dessas margens de liberdade.

Jangada na Baía de Todos os Santos

Jangadas na praia perto de Itacaré.

Aqui o mar já é aberto, já saímos do manguesal. As canoas de fundo redondo não têm a estabilidade necessária para pescar em mar aberto.

Entre a sebe do proprietário e a linha da maré alta:

Acampamento do Movimento Sem Terra, estrada BA 001 perto de Ituberá

Há muitos milénios, bem antes dos portugueses chegarem, que nenhuma terra da costa brasileira está deveras *devoluta*.

O manguesal, por ser uma zona marginal entre o mar e a terra – e as distintas técnicas de exploração destes – continua a constituir um espaço onde os "fracos" podem ainda negociar a sua presença.

Voltar ao início

10. Um ensaio de ergologia – Pósfácio metodológico

Este é um ensaio de ergologia – uma velha técnica da antropologia.

Em vez de começar pelas pessoas – pelo que elas fazem e pelo que elas dizem – a ergologia opta por começar por situar no mundo as coisas que as pessoas fazem e que, por sua vez, as fazem pessoas a elas. Dizia-se "cultura material"– infeliz expressão, já que tudo é material neste mundo, não há outro tipo de cultura.

Timor, Tutuala Beach, Dez. 2006

Aquelas canoas a boiar no manguesal da Bahia lembram milhares de outras canoas em África, na Ásia, na Oceania... Timor...
Não consegui deixar de ver/sentir logo ali "parecenças de família" que me levaram a entrar num jogo de sentidos, um jogo de linguagens.
Se eu não tivesse brincado com barcos na juventude, será que me teria fascinado tanto pelas canoas bahianas?

Esse jogo de sentidos nunca foi privado, portanto, porque dependeu já do aprender de canoas que eu fizera noutros mundos, com outras gentes. Esses mundos fazem parte de mim quando me movo na Bahia.

Como não existem linguagens privadas; pensar é necessariamente um assunto social. É um "jogo": quer dizer, aplicamos regras a um esquema predeterminado de peças, no sentido de chegar a um resultado imprevisível.

Cacha Pregos, BA – Agosto 2006

Todas as explicações dependem de outras explicações – não há explicações fundacionais nem finais: isso é o holismo do significado.

Trata-se de um jogo de caridade interpretativa perante o que ouço. Mas cheio de resistências face ao que já vi e já ouvi antes e face à segurança dos grandes trilhos que estruturam o meu mundo: "deixa falar"...

> "Quando se tem a intenção de falar, é porque se quer romper com esta tácita unanimidade e penetrar numa relação de entendimento mútuo, quando se afirma o velho e se diz o novo. [...] O jogo de linguagem [...] repete este movimento inaugural da linguagem, movimento que, embora interno a ela, está sempre alargando e corroendo os seus limites." (Giannotti 62)

Não tenho a opção de ficar fora desse jogo:

"... tenho que me perguntar: como aprendi eu o sentido desta palavra [...]? A partir de que género de exemplos? Em que jogos de linguagem? Então será mais fácil perceber que a palavra tem toda uma família de significados." (Wittgenstein, §77)

"Falou demais"?

"O erro está inevitavelmente à espreita, porque só se fala com sentido quando no horizonte está a possibilidade de se pensar o novo." (Giannotti)

Maré alta em Baiacu, BA, Maio 2007

"Não é possível ter uma série de crenças em geral, do género que é necessário ter para poder ter qualquer crença, sem estar sujeito a surpresas que envolvem crenças sobre a validade (correcção) das nossas próprias crenças." (Davidson)

É um jogo, no sentido de que é uma actividade, uma forma de viver.

"O conceito de crença [...) é o conceito de um estado de um organismo que pode ser verdadeiro ou falso, correcto ou incorrecto. Ter o conceito de crença é, portanto, ter o conceito de verdade objectiva." (Davidson)

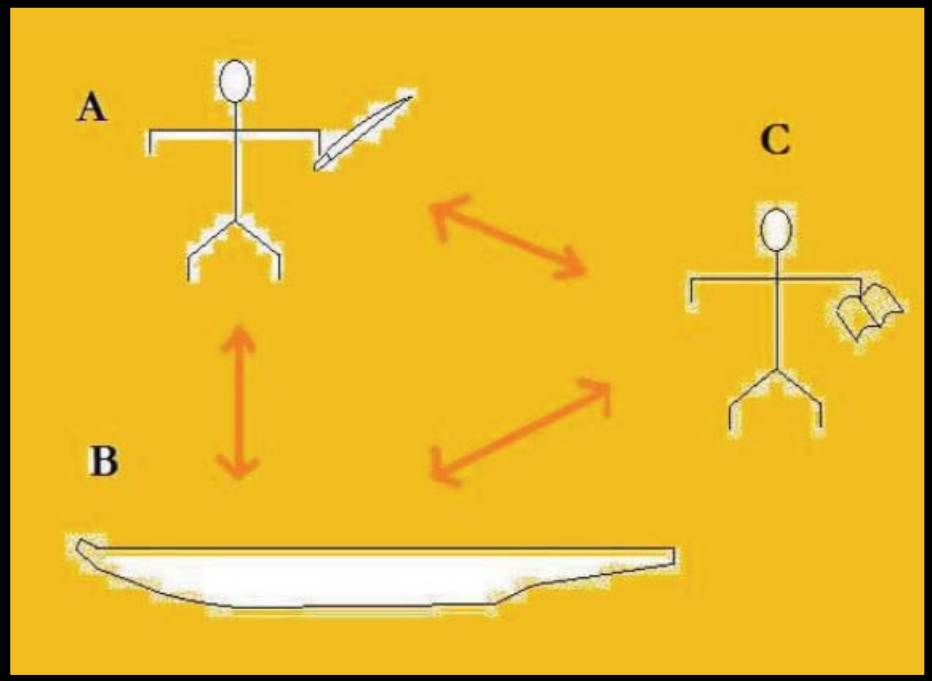
A etnografia é um jogo de linguagem no sentido em que eu entro dentro de um mundo novo que, a partir desse momento, também é um mundo onde eu vivi.

Nem todas as entradas são iguais: posso ser turista; posso ser espião da CIA; posso ser investigador médico; posso ser namorado da dona do café; cunhado do padre; negociante de material naval; vendedor de cordas... Não existe tal coisa como uma "cultura Outra" à minha espera: todas as entradas têm uma razão, têm uma porta, fazem ecos no nosso ser anterior, remetem para interesses ... interesses limitados por outros interesses.

Há um momento em que entro como etnógrafo – não se nota tanto no que faço enquanto estou lá mas mais no que faço depois: – isto que vocês leêm.

Aqui o exercício envolve canoas monóxilas: trata-se de pegar numa classe de objectos facilmente reconhecível e com algum tipo de apelo que ultrapasse a simples funcionalidade local (hipótese comparativa), e situá-lo no mundo humano. Quer dizer, meter em acção o processo de atribuir sentidos humanos ao mundo face a outros humanos que o partilham connosco.
Na etnografia, esses sentidos são de dois géneros na medida em que resultam de *dois tipos distintos de triangulação*.
É importante saber distinguir entre eles, apesar dos dois tipos de triangulação se interpenetrarem necessariamente já que a própria pesquisa etnográfica é um exercício social.

Primeiro, tentamos identificar os sentidos que nos são veiculados pelas pessoas que usam e fabricam estes objectos e por eles são informadas (A). Temos acesso a esses sentidos através da relação de intersubjectividade que construímos com estas pessoas face a esses objectos durante o trabalho de terreno ([A+C]B).
É uma relação dinâmica, mutuamente constitutiva, entre o etnógrafo (C), o etnografado (A) e o mundo face ao qual ambos se encontram e do qual esses objectos fazem parte (B).

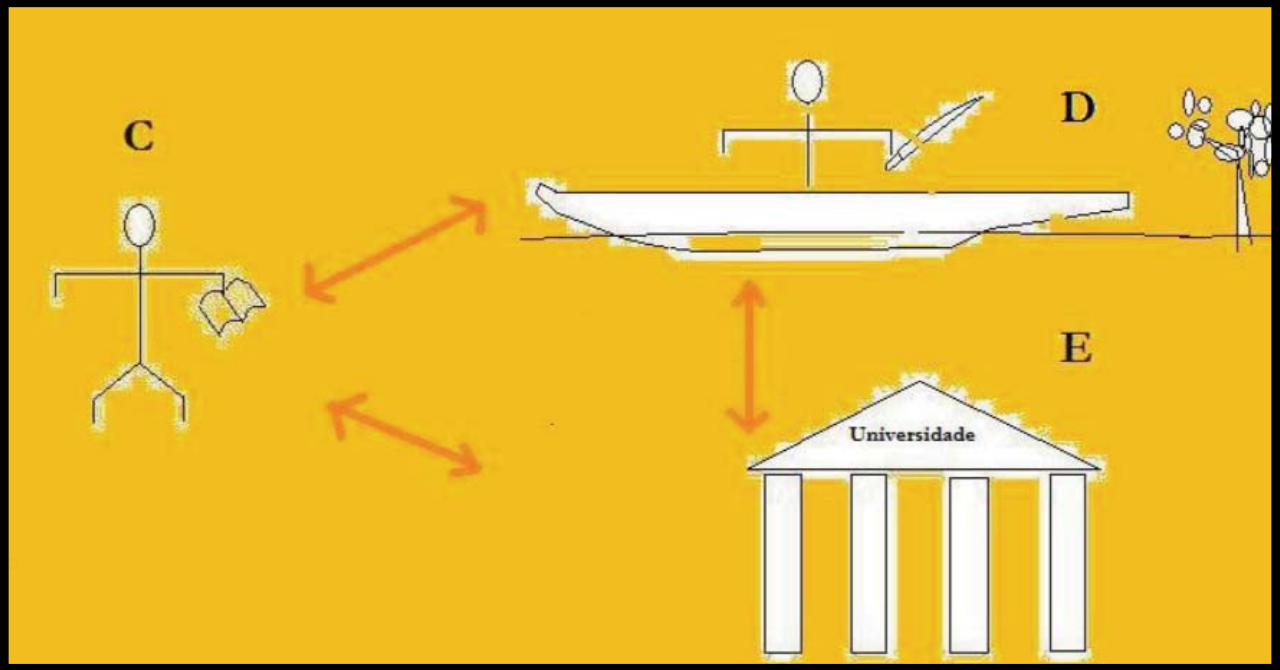


A

B

C

Segundo, tentamos identificar os sentidos que resultam da confrontação da triangulação anterior com o passado da antropologia e das outras ciências. É uma relação igualmente dinâmica e que, a prazo, também pode ser constitutiva (já que a mutualidade do trabalho etnográfico é crescente nos dias que passam) entre o etnógrafo (C), a experiência de terreno (D) e a antropologia (E), no sentido de uma tradição intelectual por relação à qual o etnógrafo se situa.

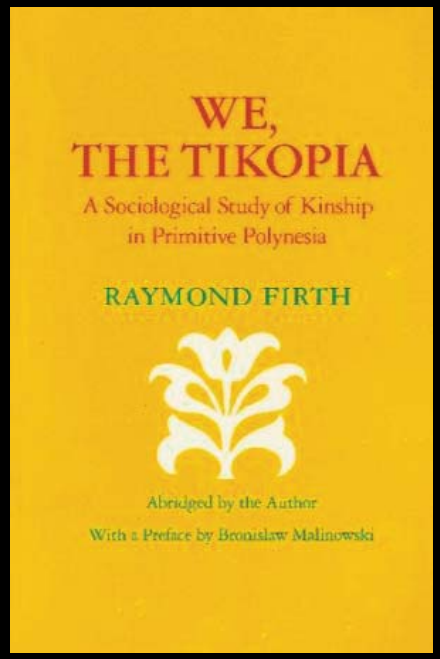


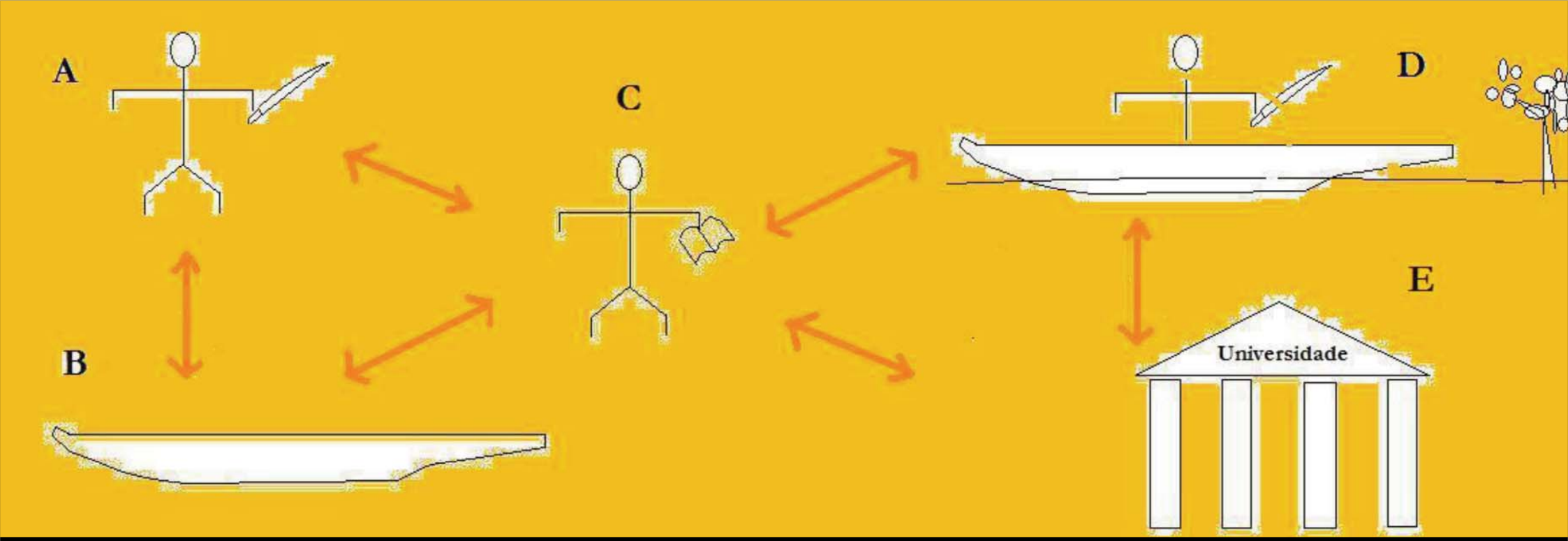
ICS
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
João de Pina Cabral
Investigador Coordenador
Av. Prof. Aníbal Bettencourt, nº 9
1600-189 Lisboa - Portugal
Tel.: 351-21-7804700
Fax: 351-21-7940274
e-mail: pina.cabral@ics.ul.pt
http://www.ics.ul.pt

C

D

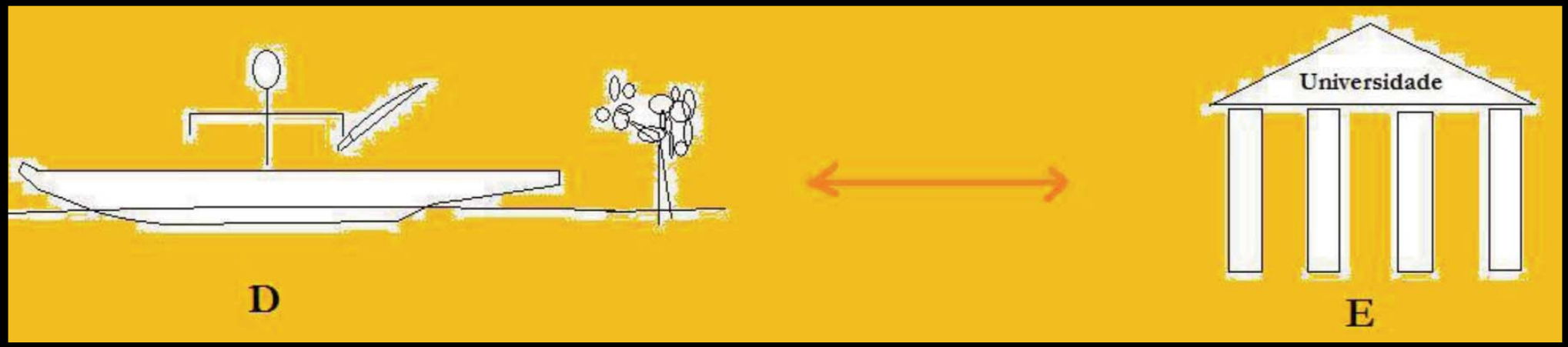
E


WE,
THE TIKOPIA
A Sociological Study of Kinship
in Primitive Polynesia
RAYMOND FIRTH
Abridged by the Author
With a Preface by Bronislaw Malinowski



B C D – *eixo da aproximação*. O etnógrafo (C) apropria-se da canoa (B) como forma de melhor compreender o terreno etnográfico em todo o seu holismo (D) – um ideal nunca plenamente atingível.

A C E – *eixo do distanciamento*. O etnógrafo (C) distancia-se da Universidade (E) através da relação com o canoeiro (A) e, depois, distancia-se do canoeiro voltando à Universidade. C passa da relação humana intersubjectiva à essencialização da personna autoral.

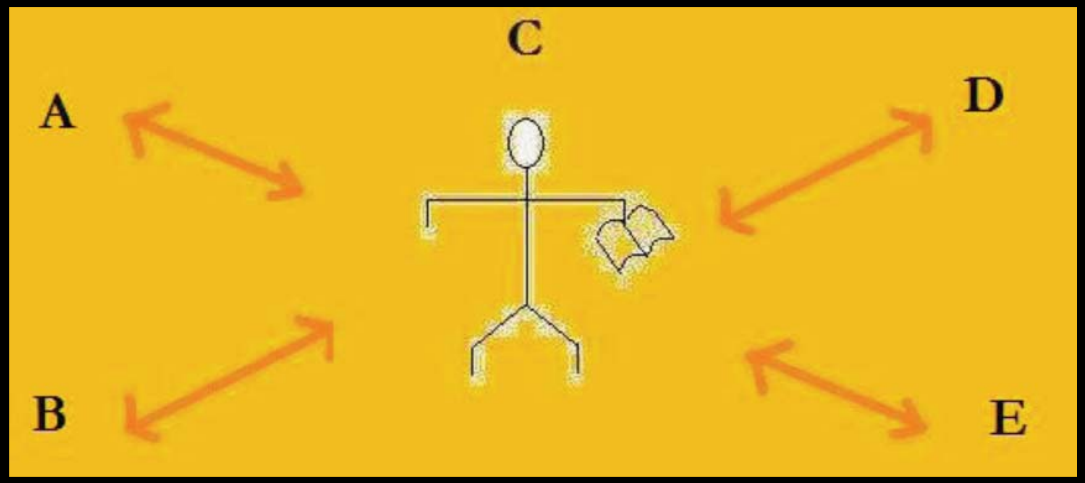


Ao estudar canoas (D) eu afecto a antropologia (E); mas também alerto o mundo para as canoas, para os canoeiros, para o mangue, para os peixes e mariscos, para o vinhático, para a Bahia, para o Brasil.
A antropologia que temos resulta dos terrenos que a formaram; os terrenos são afectados directamente pela antropologia que sobre eles se faz. Que melhor exemplo disso que *We, the Tikopia*?
A aparente independência entre D (o terreno) e E (a antropologia) é uma *miragem imperial* – de facto, existe uma mutualidade constituinte entre a antropologia e o terreno na medida em que os dois se afectam historicamente.

A triangulação local (A B C) e a triangulação distante (CDE) são conjugadas pela figura do antropólogo/etnógrafo (C) e a sua deslocação física e conceptual – jogando entre a *personna humana* e a *personna autoral*.

O ponto em que tal ocorre é um tempo/espaço determinado – o presente etnográfico – por relação ao qual tudo o que o etnógrafo relate está indelevelmente situado.

No presente caso, as primeiras excursões ao manguesal de Valença ocorreram em 2004, quando explorava o terreno e descobria o Baixo Sul. Em 2005 comecei a explorar o manguesal para o interior das Ilhas de Boipeba e Tinharé. Foi só em 2006, quando descobri a Igreja de Baiacu, no entanto, que a ideia me surgiu de escrever algo sobre canoas. Em 2007-2008, entre Cajaíba e Baiacu, fiz amizade com com Seu Otávio, Seu Romão, Seu Fidele e Seu Chiquito (A). Nessa altura, explorei também o Rio Paraguaçu e as suas inesquecíveis margens lodosas na companhia de vários amigos (entre estes o antropólogo Glenn Bowman).



Referências bibliográficas

Alves, André. 2004. *Os argonautas do mangue*. Incl. E. Samain "Balinese Character (re)visitado". Ed. Unicamp, Campinas.

Archenave/Sphan, Minist. Cultura. 1990. *Património Cultural Naval do Brasil*. Brasília, Banco Central do Brasil.

Assoc. Amigos Museu Nacional do Mar. 2005. *Património Naval do Brasil*. São Francisco do Sul, SC.

Boyer, Dominic. 2007. *Understanding Media: A popular Philosophy*. Chicago, Prickly Paradigm Press, n. 30.

Davidson, Donald. 2001. *Subjective, Intersubjective, Objective*. OUP, Oxford.

Giannotti, J. A. 1995. *Apresentação do Mundo: Considerações sobre o Pensamento de Ludwig Wittgenstein*. Companhia das Letras, São Paulo.

Pina-Cabral, João de. 2000. "The ethnographic present revisited", in *Social Anthropology,* 8 (3), Cambridge, 341-348.

Wittgenstein, Ludwig. 2001 [1953]. *Philosophical Investigations.* Trans. G. E. Anscombe. Blackwell, Oxford.

Woortmann, Klass. 1990. "Com parente não se neguceia: o campesinato como ordem moral" *Anuário Antropológico,* 87: 11-73.

▶ Voltar ao início